

Universidade Federal de Minas Gerais
Instituto de Geociências

Adriana Ferreira de Melo

*Sertões do mundo,
uma epistemologia*

volume 1

Belo Horizonte
2011

Adriana Ferreira de Melo

Sertões do mundo, uma epistemologia

volume 1

Primeiro volume de tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Doutorado, do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Linha de Pesquisa: Teoria, Métodos e Linguagens em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Eduardo Viana Hissa.

Belo Horizonte
2011

M528s Melo, Adriana Ferreira de.
2011 Sertões do mundo, uma epistemologia [manuscrito] ; Uma cosmologia do sertão / Adriana Ferreira de Melo. – 2011. 2v. : il. (color.).

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2011.

Área de concentração: Teoria, Métodos e Linguagens em Geografia.

Orientador: Cássio Eduardo Viana Hissa.

Bibliografia: f. 107-116.

1. Território – Teses. 2. Epistemologia – Teses. 3. Comportamento espacial – Teses. I. Hissa, Cássio Eduardo Viana. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências. III. Uma cosmologia do sertão. IV. Título.

CDU: 114

Agradecimentos

a cinco grandes *mestres sobas*

sages poetas seresteiros

presentes

nas múltiplas paisagens

passagens

de sertão e neblina

Cássio Hissa, orientador, *chef d'orquestre, maestro,*

com quem aprendo ciências sociais como uma epistemologia da existência. Como a arte é imprescindível à vida, na epistemologia da existência, está incluída a arte e, portanto, a liberdade. Essencialmente da forma, que é aquilo que se diz com liberdade.

Sônia Queiroz,

com quem aprendo desde tempos incontáveis a voz e a letra: a vida.

Maria Teresa Franco Ribeiro,

com quem aprendo a intensidade da força das utopias, dos sonhos, das realidades, seu brilho, sua luz, materiais e imateriais.

Yollah Venites,

acendedora de sonhos, ou seja, de realidades.

Virgilina de Melo,

ponte no infinito

entre caos e cosmos

À equipe de editores do Pi Laboratório Editorial,

solidários na travessia final, traduzida no cuidado desta Edição.

Aos amigos que trazem brisa fresca, vinho e água.

Num círculo, o centro é naturalmente imóvel; mas, se a circunferência também o fosse, não seria ela senão um centro imenso.

Plotino

Resumo

A ideia de *sertão* é bastante difundida nas imagens do senso comum, dos saberes populares, das ciências, das artes verbais, da literatura, do cinema, das artes plásticas, da música, dentre muitos outros saberes. O *conceito de sertão*, entretanto, salvo do ponto de vista físico, é pouco estudado. As imagens do *sertão*, dispersas nos mais diversos saberes, nos convidam a observar a multiplicidade de significações que compõem o conceito. Essa multiplicidade nos estimula a ampliar o *conceito de sertão* e a ler e compreender os contemporâneos movimentos do espaço a partir das imagens desse conceito. Para além das significações construídas nos mais de quinhentos anos de história do Brasil, o velho sertão não apenas permanece, como também se inscreve no mundo contemporâneo em múltiplos espaços, surgindo em novas configurações. O espaço é complexo: múltiplo, heterogêneo, esgarçado, indivisível: rugoso. O *sertão* se prolifera nos mais diversos lugares, experimentando e condensando também todas essas características do espaço em sua totalidade, ao qual chamamos *mundo*. Como traduziu Guimarães Rosa, o sertão está em toda parte. Coexiste nos lugares que permanecem intocados pelos processos de modernização e nos espaços hipermodernizados. Resiste no nome do sertão bravo e surge em lugares nunca antes denominados sertões. Se na sua origem a palavra *sertão* foi preenchida por significações do tipo *lugar longínquo, desconhecido, desabitado, isolado, selvagem, bárbaro, incivilizado*, a maioria dessas significações continuam sendo inscritas, na contemporaneidade, não apenas nos diversos lugares do mundo em que os processos de modernização não chegaram, mas também nos interiores dos lugares hipermodernizados, como, por exemplo, as favelas das metrópoles e das megalópoles. Para quem o sertão é o *longínquo, o bárbaro, o selvagem, o incivilizado*? Do sertão de que tempo-espaço se fala? Como foi e é construída a ideia de *sertão*? Quais significações constituem as múltiplas faces dos espaços que podem ser denominados *sertão* ou *lugares-sertão*? A partir do que se denomina *uma cosmologia do sertão*, exercício de reflexão teórica sobre o conceito, que se faz no contato com as imagens de *sertão* dispersas nos saberes literários, não-literários, nas *artes verbais*, elabora-se um exercício teórico, epistemológico, de reflexão sobre alternativas de abordagem das questões socioespaciais. Essas alternativas consistem em estudar o *sertão* no âmbito da ciência, neste caso a geografia, no contato com as representações de todos esses saberes. Investe-se em outro tipo de ciência, diferente da moderna. Uma ciência que se reinventa e se fortalece a partir da prática de *uma ecologia de saberes*, do diálogo que se pode se construir nos diversos *espaços de fronteiras entre saberes*: científicos, artísticos, populares, do senso comum etc. Abordam-se, também, os conceitos de *lugar e território*, essenciais à argumentação da tese, uma vez que ela se fundamenta na compreensão do *sertão* como um *lugar-cosmo* que, ao emergir em diversas partes, nos permite refletir sobre *territórios de sertões* do mundo. Esses *territórios, sertões do mundo*, são ainda apresentados como uma alternativa epistemológica para a reflexão dos diversos mundos do chamado *Sul Sociológico*, que emergem nas mais diversas escalas, em toda parte.

Palavras-chaves: sertão, lugar, território, sertões contemporâneos, epistemologias, ciências, artes.

Résumé

L'idée de *sertão* est bien connue dans le domaine de l'imaginaire du sens commun, des savoirs du peuple, des sciences, des arts verbaux, de la littérature, du cinéma, des arts plastiques, de la musique, entre autres domaines aussi. Le *concept de sertão*, toutefois, sauf du point de vue physique, n'est pas beaucoup recherché. Les images du *sertão*, dispersées dans les divers savoirs, nous invitent à observer la multiplicité que nous attire à agrandir *ce concept* et nous invitent aussi à lire et à comprendre les mouvements contemporains de l'espace à partir des images du *sertão*. Au-delà de signifiants construits pendant environ 500 ans d'histoire du Brésil, le vieux *sertão* reste et aussi se produit dans le monde contemporain en multiples espaces, en faisant des nouvelles configurations. L'espace est complexe : multiple, hétérogène, déchiré, indivisible, ridé. Le *sertão* se prolifère dans les lieux les plus diversifiés, en essayant ainsi que condensant toutes ces caractéristiques de l'espace en sa totalité, auquel on appelle *monde*. Le *sertão* est partout, a dit-il Guimarães Rosa. Le *sertão* coexiste dans des divers lieux intangibles par le processus de modernisation ainsi que les endroits hyper modernisés. Il résiste sur le nom *sertão* brave et il surgit dans des endroits n'ayant jamais été nommés *sertão* avant. Si à l'origine le mot *sertão* a été pourvu de signifiants tels que *lieu, lointain, inconnu, inhabité, isolé, sauvage, barbare, incivil*, la majorité de ces signifiants continue à s'inscrire, dans le contemporain, dans les plus divers lieux du monde où le processus de modernisation ne sont pas encore arrivés, ainsi que dans les lieux hyper modernisés, comme cas de figure les bidonvilles des métropoles et des mégapoles. A qui le *sertão* est le *lointain, le barbare, le sauvage, l'incivil* ? À propos du *sertão* de quel temps-espace parle-t-on ? Comment a été construite cette idée de *sertão* et comment on la construit ? Quelles sont les significations qui constituent les multiples faces des espaces qui peuvent être nommés *sertão* ou *lieux-sertão* ? A partir de ce qu'on nomme *une cosmologie du sertão*, l'exercice de réflexion théorique sur ce concept, que se fait à partir de contact des images du *sertão* dispersées dans des savoirs littéraires, non-littéraires, dans les arts verbaux, on produit alors un exercice théorique, épistémologique, de réflexion sur les possibilités d'abordage des questions socio spatiales. Ces possibilités alternatives consistent à étudier le *sertão* dans l'ambitus de la science, dans ce cas la géographie, en ayant un contact avec toutes les représentations de ces savoirs. On se tourne vers autre type de science qui est différente de la science moderne. Une science que se réinvente et se fortifie à partir de la pratique d'une *écologie des savoirs*, du dialogue que peut se faire dans les divers *espaces de frontières entre les savoirs* : scientifiques, artistiques, populaires, du sens commun, etc. On parle aussi sur le concept de *lieu et territoire*, qui sont essentiels à l'argumentation de la thèse, vu qu'elle se base sur la compréhension du *sertão* comme un *lieu-cosmo* que au fur et à mesure qu'il entre dans divers lieux, nous permet de réfléchir sur les *territoires de sertões*. Ces *territoires, sertões du monde* sont encore présentés comme une alternative épistémologique pour la réflexion des divers mondes de l'appelé Sud Sociologique qui émerge dans les plus variées échelles, partout.

Mots-clés : *sertão*, lieu, territoire, *sertões* contemporains, épistémologies, sciences, arts.

Abstract

The idea of *sertão* is widely popularized through images of common knowledge, verbal arts, literature, cinema, plastic arts and music, etc. The concept of *sertão*, however, except of the point de view physic, hasn't been rigorously studied. The images of *sertão*, constructed within numerous ways of knowing, require us to observe a multiplicity of meanings of which it is comprised. This multiplicity stimulates us to widen the accepted concept of *sertão* and to read and comprehend the contemporaneous uses of space through the impressions that this concept brings. The nature of the old *sertão* remains, not only beyond the meanings which have been constructed during 500 years of Brazilian history, but also manifested in the contemporaneous world in multiple spaces, presenting itself in new configurations. The space is complex: multiple, heterogeneous, strained, indivisible and rugged. The *sertão* is multiplied on the most different places, exhibiting and condensing all these characteristics of space in its totality, which we call world. In Guimarães Rosa's words, "the *sertão* is everywhere". It coexists in places which remain untouched by modernization and in hypermodern spaces. It persists in the name of *sertão bravo* and it comes out in places that were never before called *sertões*. From the very beginning the word *sertão* was imbued with meanings such as *faraway*, *unknown*, *uninhabited*, *isolated*, *savage*, *barbarian* and *uncivilized*, and most of these meanings remain today, not only when referring to places of the world in which modernity hasn't reached, but also inside hypermodern places, such as, for instance, the favelas in metropolises and megalopolises. For who is the *sertão* is faraway, barbarian and uncivilized? What is the *sertão*'s space-time that is referred to here? How was, and is, the idea of *sertão* constructed? What meanings constitute the multiple faces of spaces which can be termed *sertão*? From what is denominated a *cosmology of sertão*, which is an exercise of conceptual and epistemological thinking, made through contact with the images of *sertão* found within literary, non literary and verbal arts, in alternative approaches to socio-spatial issues. These alternatives consist of studying the concept of *sertão* from within the domain of science, in this case, geography, contacting with representations of all these ways of knowing. We invest in another type of science, different from modern science. A science that reinvents itself and becomes stronger through the practice of an *ecology of knowing*, from the dialogue that can be built from the various frontier spaces between ways of knowing, such as, scientific, artistic, popular and common sense. Concepts of place and territory are also studied, which are essential to this thesis' argument, which is founded in the comprehension of *sertão* as a place-cosmos, which, when emerging in several locations, allows us to reflect on the idea of *sertão* territories of the world. These territories, *sertões* of the world, are still presented as epistemological alternatives to the reflection of several worlds of what is called *Sociologic South*, which emerge on the most diverse scales, everywhere.

Keywords: *sertão*, place, territory, contemporaneous *sertões*, epistemologies, sciences, arts.

SUMÁRIO

Diário de viagem aos sertões do mundo

- 9 Sertões do mundo
- 11 Uma cosmologia do sertão: sertões do mundo, uma epistemologia

Relevo de palavras

- 17 Ciência, arte e metáfora
- 25 Traduções, transcrições, transculturações do espaço
- 36 Epistemologias de fronteira

O palimpsesto espacial

- 39 Grafias, rasuras e rugosidades
- 47 Cartografias omissas
- 51 Paisagens, lugares e territórios

Uma cosmologia do sertão

- 64 O *lugar-sertão* em Rosa
 - 88 Grafias e rasuras do sertão
 - 96 Atopia, utopia
- 103 **Sertões do mundo: considerações finais**
- 107 **Referências**

DIÁRIO DE VIAGEM AOS SERTÕES DO MUNDO

Sertões do mundo

Para além da luta pela terra, o que aproximaria imagens espacialmente distantes, como, por exemplo, as dos movimentos realizados pelo MST, pelos quilombolas e indígenas do Brasil e da América Latina, com as imagens dos refugiados afegãos no Irã? As imagens dos palestinos em confronto com o Estado de Israel ou das populações rurais e urbanas de qualquer lugar do planeta, expulsas sempre *para mais além*?

O estudo do conceito de *sertão*, lugar assim nominado pelos portugueses, considerado essencialmente brasileiro, suscita essas e inúmeras outras questões. Termo recorrente no imaginário da sociedade brasileira, utilizado no "Brasil" desde a chegada dos portugueses, *sertão* continua presente no ideário do País, assumindo tamanha amplitude de significações e espacialidades que recusa conceituações homogeneizantes e delimitações espaciais precisas. São diversos os *sertões* construídos, desconstruídos e transcriados ao longo do tempo, do norte ao sul do País, através dos mais diversos tipos de representação: discursos da historiografia, da iconografia, da literatura, da *arte verbal*,¹ do senso comum, do cinema, da música, da cartografia brasileiras. Tais discursos constituem fértil matéria para o estudo das significações pelas quais a ideia de *sertão* vai sendo preenchida ao longo do tempo e evidenciam o seu perfil espacial migrante e polissêmico.

A ideia de *sertão* é bastante difundida. O *conceito*, entretanto, é muito estudado apenas do ponto de vista físico-biológico, um *sertão* originário de classificações fisiográficas nas quais são incluídos alguns domínios morfoclimáticos brasileiros. Há uma tradição de estudos² que concebe convencionalmente o *sertão* como região

¹ JAKOBSON. *Linguística e comunicação*.

² Dos mais antigos aos mais recentes, para citar apenas alguns: SAINT-HILAIRE. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1818). ABREU. *Capítulos de história colonial* (1907); IBGE. *Tipos e aspectos do Brasil* (1966); IBGE. *Geografia do Brasil* (1967); VIGGIANO. *Itinerário de Riobaldo Tatarana* (1974); RIBEIRO. *História*

geográfica com características específicas: o sertão do cerrado, da caatinga, do agreste, do nordeste, do norte de Minas. Ainda que tomem Guimarães Rosa como referência, diversos estudos científicos tendem a demarcar certo sertão fisiográfico de Rosa como paradigma, recuperando rotas e memórias perdidas. São também diversos os estudos de natureza sociológica que se ocupam do homem do sertão. Tais estudos se propõem a mostrar bem mais o homem no *sertão* do que o *sertão* no homem. Exceção a essa tradição de estudos é o belíssimo trabalho de transcrição poético-político-filosófica d'*Os Sertões* de Euclides da Cunha realizado pelo teatro de José Celso Martinez Corrêa.³ Todos trazem contribuições fundamentais para a interpretação/elaboração de um conceito de sertão. É o *homem no sertão* que nos ajuda a compreender o *sertão no homem*. Entretanto, a referência epistemológica da qual se serve a presente pesquisa privilegia a reflexão do mundo do sertão, *em nós*, universo que não se restringe a um único espaço físico material: estende-se nas mais diversas escalas por toda parte, simultaneamente *fora e dentro de nós*.

As imagens do sertão, dispersas nos mais diversos *saberes*, nos convidam a observar a multiplicidade de significações que podem compor o conceito. Essa multiplicidade nos estimula a ampliar o conceito de sertão e a ler e compreender os contemporâneos movimentos do espaço a partir das imagens desse conceito, *lugar-cosmo* que emerge em toda parte. Para além das significações construídas nos mais de quinhentos anos de história oficial do Brasil, o velho sertão não apenas permanece,

ecológica do sertão mineiro e a formação do patrimônio cultural sertanejo (2000); RIBEIRO. *Florestas anãs do sertão: o cerrado na cultura de Minas Gerais* (2005); RIBEIRO. *Lugar desertado: o cerrado na cultura de Minas Gerais* (2006); GARCIA. *O sertão e a cidade: o sertão de Guimarães Rosa 50 anos depois* (2007); MELO. *Evolução das veredas sob impactos ambientais nos geossistemas planaltos de buritizeiro/MG* (Tese de doutorado, 2008); Sertão de Minas. Disponível em: <www.serto.es.art.br>. Acesso em: 13 fev. 2011.

³ MARTINEZ CORRÊA. *Os Sertões: A Terra*; MARTINEZ CORRÊA. *Os Sertões: O Homem I: do pré-homem à revolta*; MARTINEZ CORRÊA. *Os Sertões: O Homem II: da revolta ao trans-homem*; MARTINEZ CORRÊA. *Os Sertões: A Luta: primeira parte – 1ª, 2ª e 3ª expedições + Rua do Ouvidor*; MARTINEZ CORRÊA. *Os Sertões: A Luta: segunda parte – O desmassacre*.

como também se inscreve no mundo contemporâneo em múltiplos espaços, surgindo em novas configurações. O espaço é complexo: múltiplo, heterogêneo, esgarçado, indivisível: *rugoso*. Como traduziu Guimarães Rosa,⁴ o sertão se prolifera por toda a parte, experimentando e condensando também todas essas características do *espaço*⁵ ao qual chamamos *mundo*. Coexiste nos lugares que permanecem intocados pelos processos de modernização e nos espaços hipermodernizados, resiste no nome do sertão bravo e surge em lugares nunca antes denominados sertões. Significações do tipo *lugar longínquo, desconhecido, estranho, selvagem, atrasado, fora da lei*, presentes na origem da palavra, continuam sendo inscritas na contemporaneidade, não apenas nos diversos lugares do mundo em que os processos de modernização não chegaram, mas também nos interiores dos espaços hipermodernizados. As favelas das metrópoles e das megalópoles são apenas um exemplo em grande escala da permanência dessas significações. Para quem o *sertão* é o desconhecido, o estranho, o atrasado, o selvagem? Do *sertão* de que tempo-espaço se fala? Como foi e é construída a ideia de *sertão*? Quais significações constituem as múltiplas faces dos espaços que podem ser denominados *sertão* ou *lugares-sertão, territórios de sertões*?

Uma cosmologia do sertão:
sertões do mundo, uma epistemologia

A tese é apresentada em dois volumes, em que um caderno, *Uma cosmologia do sertão*, pretende dialogar com o outro, *Sertões do mundo, uma epistemologia*, ambos complementando-se através da *tradução*, compreendida como procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre dois domínios que podem se abrir em

⁴ ROSA. *Grande sertão*: veredas.

⁵ Optei pelo uso do termo *espaço*, no lugar de *espaço geográfico*, por considerar que o conceito de *espaço*, físico-social, abrange o campo da geografia e o ultrapassa.

fronteira. Ponte que viabiliza o contato, o trânsito, o transporte, incessante movimento de mão-dupla, *transcrição, transculturação*. O caderno *Sertões do mundo, uma epistemologia* é composto por três capítulos, cada um deles contendo um conjunto de três ensaios, enquanto que o caderno intitulado *Uma cosmologia do sertão* apresenta imagens verbais do sertão dispersas em textos de gêneros diversos, representações dos saberes das literaturas, das *artes verbais*, dos textos não-literários e do senso comum, além de breves anotações minhas e uma pequena série de imagens visuais. Juntos, os dois cadernos têm o propósito de elaborar um exercício teórico, epistemológico, de reflexão sobre alternativas de abordagem das questões socioespaciais. Essas alternativas consistem em estudar o *sertão* no âmbito da ciência, neste caso a geografia, no contato com as representações de todos esses saberes, especialmente as representações da literatura de diversos países. Uma abordagem espacial do sertão construída a partir das relações entre diferentes tipos de discursos, representações, *saberes*. Investe-se em outro tipo de ciência, diferente da moderna. Uma ciência que se reinventa e se fortalece a partir da prática de *uma ecologia de saberes*,⁶ do diálogo que se pode construir nos diversos *espaços de fronteiras entre conhecimentos e entre conhecimentos e saberes*:⁷ científicos, artísticos, populares, do senso comum etc.

Abordam-se, também, brevemente, os conceitos de *lugar, território* e suas *paisagens*, essenciais à argumentação da tese, uma vez que ela se fundamenta na compreensão do *sertão* como um *lugar-cosmo* que, ao emergir em toda parte, nos permite refletir sobre *territórios de sertões do mundo*. Esses territórios, estudados a partir do *lugar-sertão no mundo*, podem apontar alternativas epistemológicas para se estudar os diversos *mundos do Sul* que emergem em toda parte nas mais variadas escalas. Assim,

⁶ SANTOS. Para uma sociologia das ausências e para uma sociologia das emergências.

⁷ HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*; HISSA (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*; HISSA (Org.). *Conversações: de artes e de ciências*.

a relação dialética entre os conceitos de *lugar* e *mundo* assume também no texto uma dimensão fundamental para o debate.

O primeiro capítulo da tese, *Relevo de palavras*, em três ensaios iniciais, tem o objetivo de refletir sobre alternativas de abordagem das questões socioespaciais. Essas alternativas consistem na incorporação de discursos ficcionais como parte do *corpus* argumentativo do trabalho. Para isso, as relações entre ciência e arte, geografia e literatura são estudadas tomando como base o exercício da *ecologia de saberes*⁸ e os *espaços de fronteira entre conhecimentos e saberes e entre saberes*.⁹ Ambos os conceitos pressupõem *contatos, traduções, transcrições* entre saberes científicos e, também, entre saberes científicos e não-científicos.

No segundo capítulo, abordam-se brevemente os conceitos de *paisagem, lugar e território* em três ensaios reunidos sob o título *O palimpsesto espacial*. Para tratar dos processos de transformação do *espaço-mundo*, toma-se o espaço como um palimpsesto cujo corpo se faz de camadas diversas de *grafias*, compreendidas tanto como as alterações físico-sociais experimentadas por ele, espaço, quanto pelos discursos diversos, das diversas literaturas e *artes verbais*, das ciências e do senso comum que representam essas alterações. Assim como são inscritas num determinado momento, tais *grafias* são continuamente expostas a *rasuras*, ou seja, são invariavelmente *raspadas* para dar lugar a novas *grafias* na superfície-espaço. No palimpsesto, entretanto, a sobreposição das diversas e distintas grafias, em tempos diversos, não representa a supressão completa da grafia anterior, pois o processo de “raspagem”, *rasura* das superfícies, não é absoluto. As camadas de grafias que compõem o palimpsesto espacial são esgarçadas como resultado da heterogeneidade típica do espaço. O esgarçamento dessas camadas permite a coexistência e o contato de superfícies mais antigas com as mais contemporâneas. Na

⁸ SANTOS. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*.

⁹ HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*; HISSA (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*; HISSA (Org.). *Conversações: de artes e de ciências*.

mais recente superfície, emergem sempre traços diversos das escritas anteriores, *grafias* que resistem ao processo de raspagem, transcriando-se em diferentes temporalidades. Não há superfícies imunes aos esgarçamentos, que deixem de pôr à mostra as diferentes memórias e grafias dos sujeitos ao longo do tempo, da história. Mesmo nos trechos em que a raspagem é completa, resta na memória dos *lugares* (nos sujeitos) imagens que já não estão na superfície mais recente. As mais recentes superfícies constituem, desse modo, um todo heterogêneo, um mosaico de formas, funções e fluxos de diferentes tempos e espécies que permitem tanto a permanência de velhos sertões quanto o surgimento de novos *lugares-sertão*.

O terceiro capítulo, o último, trata do que se denomina uma *Cosmologia do sertão*, que consiste no estudo do conceito de sertão, partindo das imagens do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, publicado em 1956. Imagens, dentre tantas outras, de tantos outros sistemas semióticos (*artes verbais*, cinema, música etc), motivadoras da pesquisa de um conceito de sertão e especialmente da proposta de sua ampliação. Trata-se do estudo de um conceito que se faz no *contato* com as representações da ciência, da *arte verbal*, do senso comum e das literaturas de diversos países sobre um sertão nomeado e um sertão não nomeado que este trabalho procura nomear. Do primeiro grupo fazem parte textos de escritores, como, por exemplo, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Jotacê Freitas. Dos sertões não nomeados fazem parte textos de poetas, contistas e romancistas contemporâneos brasileiros, palestinos, afegãos e africanos, como, por exemplo, Manoel de Barros, Cândido Rolim, Rubem Fonseca, Mahmoud Darwish, Atiq Rahimi e Mia Couto, dentre muitos outros. Todos presentes no caderno *Uma cosmologia do sertão*, segundo volume da tese. A partir da leitura dessas imagens, propõe-se a ampliação do conceito de sertão para além das significações construídas ao longo da história do País, contemplando paisagens específicas dos *lugares-sertão* dispersos em várias partes do mundo.

A *Cosmologia do sertão*, presente em ambos os cadernos, parte das imagens dos sertões em Rosa.¹⁰ O caderno *Uma cosmologia do sertão* apresenta imagens dos *sertões* da África portuguesa, que se estendem ao Brasil colonial, atravessam o Império, a República e chegam ao mundo contemporâneo que se expressa nos mais diversos lugares em que se produz *atopia*, territórios de exclusão social. Através essencialmente das imagens de *atopia*, produzidas nos múltiplos movimentos do mundo responsáveis pela heterogeneidade do espaço, disseminadas no campo, na cidade, na metrópole, no mundo urbano-rural dos diversos *corpos de mundo*¹¹ que os cadernos se comunicam. Trata-se de um recorte de imagens verbais, e também de algumas visuais, realizado a partir do estudo do conceito de sertão como um *lugar-cosmo*, feito *cartografias omissas*, territórios de *atopias e utopias* que emergem em diversas partes do mundo nas mais diversas escalas e nos mais diversos espaços-tempos. Sendo assim, todo e qualquer recorte que contemple a formulação desse conceito poderia justificar a escolha das imagens dos *sertões do mundo* presentes em toda parte: no campo ou nos interiores das grandes cidades, nos espaços pouco modernizados ou hipermodernizados, nas guerras, nas prisões, nos territórios de antigas e novas formas de totalitarismos, fundamentalismos e colonização.

As considerações finais ocupam-se brevemente da reflexão sobre os territórios de sertões do mundo, *também em nós*, pensando esses territórios como alternativa epistemológica para se estudar os diversos mundos do Sul, lugares que emergem em toda parte nas mais diversas escalas e transescalas. Estudar o *lugar* no *mundo* ou o *mundo* no *lugar* nos leva a pensar em outras epistemologias. Assim, a *Cosmologia do sertão* traduz, e é traduzida, pelos *Sertões do mundo, uma epistemologia*.

¹⁰ ROSA. *Grande sertão: veredas*.

¹¹ HISSA. *Territórios de diálogos possíveis*.

RELEVO DE PALAVRAS

Ciência, arte e metáfora

Partindo de breves enunciados científicos sobre caos e cosmos, certo senhor Qwft, nascido das páginas do escritor Italo Calvino,¹² reescreve em linguagem lúdica e envolvente, a história do universo. Essa é a estratégia prática da qual se serve o ficcionista, ensaísta e teórico em sua crítica à linguagem convencional pretensamente objetiva, impessoal, e, às vezes, desestimulante da ciência: a cada enunciado científico, de linguagem contida, “seca”, objetiva, o personagem responde com uma espécie de tradução ou transcrição poético-narrativa, refazendo a explicação dada pelo rigor da linguagem científica com uma linguagem rica em imaginação, operacionalizada especialmente por metáforas, e que nada tem da racionalidade comumente exigida a uma explicação científica. É muito estimulante o modo como Calvino questiona os percursos convencionais trilhados pela linguagem da ciência nascida com a modernidade. É na sedutora forma literária de conto-fábula que ele nos conduz aos seus pensamentos “teóricos” sobre o espaço, os olhos, a visão, a imagem, a imaginação. O sinal só existe como inscrição no espaço através do exercício sincrônico da imagem, da imaginação e da palavra. A ação só pode se dar a partir da palavra, sem a qual o movimento se extinguiria transformado em fixidez, já que não poderia ser enunciado. Calvino imagina um hipotético tempo de origem do cosmo em que imagem, palavra, coisa e ser emergem cada um a seu tempo, de maneira separada. Teórico e fabulista, o escritor separa e personifica essas instâncias apenas para reafirmar que elas só podem ser concebidas numa relação dialética, como ato fundante da língua, forma de nos referirmos ao mundo e a nós próprios.

Inventamos num determinado momento limites de confinar palavras, apartando-as, palavras da arte, compreendida como ficção, palavras da ciência,

¹² CALVINO. *Todas as cosmiômicas*.

movidos pela mesma mentalidade dicotômica que opõe o imaginário ao real, a subjetividade à objetividade, o belo ao verdadeiro. Desinventamos, assim, felizmente sem sucesso, aquilo que não se pode desinventar, já que é essencialmente invenção: a natureza da palavra, da linguagem. A esse tempo, de estreiteza das classificações binárias, (co-)responde um outro tempo, o da compreensão do deslimite das coisas-conceito, assim como o da visibilidade, da flexão e da expansão dos limites, dos lugares, dos territórios e dos saberes os mais diversos. Os deslimites dos territórios e lugares das coisas-conceito e dos saberes têm regência poética, já que a poesia é o lugar nômade do deslimite das coisas, dos conceitos, do belo, da palavra, como tão prazerosamente nos faz ver Manoel de Barros.¹³ É a palavra poética que expande ao infinito as margens do pensamento, da linguagem, redesenhando-as, livres, flexíveis, fluentes para o diálogo. Com sua potencialidade de *poiésis*, de fazer, fábrica inalienável de imagens e significações, a palavra incompatibiliza-se com lugares delimitados, não se dá a pertencimentos, privatizações. Antes, faz pertencer: de imagens e significações os sujeitos e os textos do mundo. Insubordinada, com sua voz de metáfora insuspeitada, é capaz de assujeitar o sujeito apenas para confirmar nele a sua condição de sujeito. Refratária a objetividades e exatidões convencionais, a palavra abriga o sujeito e é por ele abrigada. Por que restringir a palavra poética ao âmbito da arte, da literatura? Em qualquer gênero textual, é preciso guardar a palavra, como quer o poeta Antonio Cícero:¹⁴

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
 Em cofre não se guarda coisa alguma.
 Em cofre perde-se a coisa à vista.
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
 admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
 Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
 ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,

¹³ BARROS. *Retrato do artista como coisa*. Toda poesia é feita da desconstrução, sobretudo, da linguagem. Em toda a obra de Manoel de Barros, entretanto, a construção da poesia e do pensamento pelo *-des* ganha um estatuto especial.

¹⁴ CÍCERO. *Guardar e outros poemas*, p. 23.

isto é, estar por ela ou ser por ela.
 Por isso, melhor se guarda o voo de um pássaro
 do que um pássaro sem voos.
 Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
 por isso se declara e declama um poema:
 para guardá-lo:
 para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
 guarde o que quer que guarda um poema:
 por isso o lance do poema
 por guardar-se o que se quer guardar.

É preciso que o sujeito abrigue de beleza a palavra para ouvir sua linguagem de fonte, seu grito de eureka,¹⁵ sua voz compartilhável, sua potência de fazer, construir. Abrigar de beleza a palavra, longe de edificar-lhe uma morada, de fechá-la em um lugar-texto ou campo de conhecimento específico, é cuidar para que ela se faça pertencer de poesia. Deixar que a palavra pertença, confinada à ficção ou à ciência, como se houvesse mesmo, necessariamente, uma palavra da arte e uma palavra da ciência, é abrigá-la de abandono, de incomunicabilidade. Por que não poderia ser o *belo verdadeiro*? O que é o *verdadeiro* senão as imagens que diariamente fazemos desfilar aos nossos olhos, do modo múltiplo como as percebemos, lemos, interpretamos, traduzimos, transcriamos?

A ciência moderna, especialmente no século XIX, quando se desdobra em campos disciplinares específicos, elide o sujeito do objeto sob estudo, em nome de uma suposta verdade isenta de parcialidade, a partir da qual ela se define e se afirma como ciência. O cientista seria, desse modo, o sujeito capaz de controlar a sua posição social, cultural, política. Como se fosse possível extrair o sujeito e a subjetividade da linguagem e da língua, através das quais se fazem, necessariamente, também, as ciências.

Da mentalidade fortemente cientificista do século XIX, não escaparam nem mesmo as artes plásticas e a literatura, com sua Escola Realista de ler o mundo. Com

¹⁵ TAVARES; HISSA. De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda. Entrenotas.

formas, cores ou palavras, a ideia era documentar a “realidade,” como se houvesse um mundo alheio à representação, à linguagem, e aos mais diversos olhares e vivências dos diversificados sujeitos do mundo e das suas diversas realidades. No limiar do século XXI, quando, há muito, essas questões foram superadas nas artes, deparamo-nos ainda com uma ciência que insiste em exilar o sujeito e, no limite, desqualificar e desconsiderar a existência de determinados sujeitos e grupos sociais: todos aqueles que, a despeito dos seus saberes, foram desautorizados a participar da produção da ciência compreendida de acordo com os paradigmas da modernidade. Desse modo, os saberes populares, provenientes de comunidades rurais, indígenas, africanas, asiáticas e de todos os povos vítimas do princípio da *apropriação/violência*,¹⁶ considerados não-científicos, foram relegados à invisibilidade e ao silêncio. A literatura e as artes, de modo geral, separadas da filosofia e da ciência, no século XIX, também foram desautorizadas a participar do conhecimento científico, erigido especialmente sob a égide das dicotomias *realfictício, conhecimento/não conhecimento*.

Se a modernidade do final do século XIX representa para as artes a consciência da insubordinação do sujeito, da sua condição inalienável, manifestada nas mais diversas linguagens, produtoras de sujeitos *outros* ou *eus* desconhecidos, para as ciências, ela representou o oposto disso. A postulação do inconsciente, dentre muitos outros eventos nascidos ainda no século XIX, representa a impossibilidade do exílio do sujeito da palavra, a ampliação da consciência de todo um modo de pensar o mundo segundo o qual não há como dissociar o sujeito de si, da linguagem, da vida. Há que se lembrar que o século XX foi o momento

¹⁶ Princípio que se manifesta, de modo geral, na incorporação, cooptação, assimilação, destruição física, material, cultural e humana. Utilizo esse termo, criado por Boaventura de Sousa Santos (Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes), como alternativa ao termo colonialismo, por considerar que o seu sentido abrange tanto as relações coloniais do passado, quanto as contemporâneas, estendendo-se ainda para além delas.

[...] em que as forças e representações inconscientes deixaram o silêncio e a obscuridade a que foram relegadas no início da era moderna, e voltaram a ganhar um estatuto de discurso significativo [...], indicando que em sociedades organizadas em moldes diferentes da racionalidade moderna, as produções do inconsciente teriam um outro lugar, reconhecido como lugar de produção de verdade; pensem no caso dos adivinhos na Antiguidade, ou dos xamãs nas sociedades indígenas, por exemplo. Ou dos pais e mães-de-santo do candomblé.¹⁷

A consciência de que não nos conhecemos, ao mesmo tempo em que nos assujeita, confirma em nós a condição de sujeitos inalienáveis, certamente múltiplos, representados e revelados pela linguagem em sua condição eminentemente simbólica. O que dispensaria a mediação da linguagem? Ao erigir para si uma torre pretensamente refratária à subjetividade, à parcialidade, à proximidade e ao contato, a ciência moderna criou também uma língua distinta da língua das artes e de todos os demais saberes, por isso não participou do debate sobre o mundo sob representação. Línguas intraduzíveis, torre de babel. Em contrapartida, neste tempo em que assistimos à radicalização da modernidade, assistimos também finalmente à emergência de uma transição paradigmática.¹⁸

Na contramão da racionalidade imposta pelo pensamento da ciência moderna, seria a liberdade da criação, da criatividade, da imaginação¹⁹ a ponte a transpor o abismo dos *limites* pretensamente racionalizantes do texto, a transformá-los em *fronteiras*, lugares de contato.

Nos ensaios que compõem este trabalho serão utilizados os conceitos de *limites* e de *fronteiras* na acepção concebida por Cássio Hissa. Para o geógrafo, enquanto o *limite* separa, a *fronteira*, contendo o limite, é abertura, extensão do *limite*, espaço potencial de atravessamentos, transitividades, travessias:

¹⁷ KEHL. *O tempo e o cão*, p. 21.

¹⁸ Ao afirmar que estamos no fim de um ciclo de uma ordem científica hegemônica, Boaventura de Sousa Santos caracteriza essa ordem, traça os sinais da crise de sua hegemonia e, ainda, o perfil de uma nova ordem científica emergente (SANTOS. *Um discurso sobre as ciências*).

¹⁹ HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*.

[...] a fronteira é demarcação imprecisa, vaga. Longe do núcleo, de costas para o território que em princípio lhe diz respeito, a fronteira é lugar pulverizado que se questiona mesmo com seus arquitetos e guardiões. O que deveria ser demarcação perceptível mostra-se espaço de transição, lugar de interpenetrações, campo aberto de interseções. O que foi concebido para conter transforma o conteúdo em espaço ilimitado, incontido. Para além da linha que demarca é exatamente a fronteira que explicita a amplitude ou a complexidade do que não foi arquitetado para ser contido ou confinado. O que foi concebido para pôr fim, para delimitar territórios com precisão como se fosse uma linha divisória, espalha-se em uma zona de interface e de transição entre dois mundos tomados como distintos.²⁰

Todo *limite* produz necessariamente uma *fronteira*. É, portanto, precisamente este *limite*, a impossibilidade de desvincular a linguagem da imaginação, a despeito do que acreditou o racionalismo cientificista do século XIX, a sua própria condição de transcendência, de transposição: de obstáculo à ponte, de *limite* à *fronteira*, abertura. O desejo de razão pura, ponto-limite, transforma-se em ponto de passagem a partir do exercício da criatividade, do improviso,²¹ da surpresa, da incompletude, efervescência da vida. Como a pausa, que suspende a narrativa e alimenta o desejo de conhecer o novo, o inusitado, o incerto, o obscuro onde tudo pode tomar qualquer forma e função ou não ter forma ou função alguma. Imagina-se o mapa sem traçá-lo, pois o primeiro traço cartográfico da escrita já se desloca, muda de direção, dissolve-se para de novo se escrever e, assim, infinitamente, de múltiplas formas, como as histórias das mil e uma noites. É a sedução da incerteza que garante a vida do texto, sua fertilidade. *Seduzir*: do latim, *seducere*, “levar para o lado”, “desviar do caminho”. “O extremo desse desvio (ou sedução) se chama poesia”, nos diz Leyla Perrone-Moisés.²² Há linguagem mais exata, mais precisa, mais *rápida*, tal como define Calvino a *rapidez*,²³

²⁰ HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*, p. 35-36.

²¹ HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*, p. 134.

²² PERRONE-MOISÉS. *Flores da escrivantina: ensaios*, p. 13.

²³ CALVINO. *Seis propostas para o próximo milênio*.

do que a linguagem da poesia? Entretanto, ela seduz, desvia-nos do caminho. A exatidão da linguagem poética não se confunde com a fixidez, com o estático. Na palavra poética, o ponto é móvel e nos mobiliza: desviando-nos do caminho, convocamos a visualizar novos caminhos. Não há um caminho a seguir, não há um mapa. O contínuo e infinito percurso requer *leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade, consistência*, valores que “[...] só a literatura com seus meios específicos nos pode dar.”²⁴ O desejo de exclusão da metáfora em nome de um ideal de clareza e objetividade do texto, almejado pela ciência moderna, além de impraticável em termos absolutos, pode, em alguns casos, dificultar a sua compreensão, fato que se manifesta também na condição às vezes desestimulante produzida por uma linguagem excessivamente árida ou hermética.

Os exercícios de explicação do mundo, domínio reivindicado pela ciência, não apenas carecem dos intercursos da metáfora, como também veem fortalecidos seus argumentos e enriquecida e qualificada a sua linguagem, como ilustra essa bela fábula chinesa:

O rei Liang²⁵ havia proibido as parábolas, e Huizi era um sábio conhecido por usá-las quando queria explicar alguma coisa.

Um hóspede do rei comentou:

– Huizi é um sábio porque sabe explicar os fatos utilizando as parábolas de maneira apropriada. Se Vossa Majestade proibir o uso delas, Huizi não poderá mais falar.

O rei ficou pensativo e, no dia seguinte, em audiência com Huizi, disse-lhe:

– Daqui para frente, você, meu conselheiro, deverá falar direto, sem rodeios e meias palavras.

Huizi respondeu:

²⁴ CALVINO. *Seis propostas para o próximo milênio*.

²⁵ Um dos feudos da dinastia Zhou (1100-221 a. C), que mudou de nome para reino de Wei, um dos Três Reinos (N. do T.).

– Suponhamos que um homem não saiba o que seja uma catapulta e que ele me pergunte que forma ela tem. O que respondo para ele? Que a catapulta tem a forma de catapulta?

– Claro que não, respondeu o rei.

– Mas suponhamos que alguém diga a esse mesmo homem que uma catapulta tem a forma de um arco, com uma corda feita de bambu, e que é uma máquina de guerra para atacar um alvo com grandes pedras. Nesse caso, acha que ele me entenderia?

– Sim, você estaria sendo claro.

Huizi concluiu:

– Parábola ou metáfora nada mais são do que explicar alguma coisa ou assunto difícil por meio de um exemplo que a outra pessoa concede, facilitando o entendimento e a compreensão. Se eu não posso utilizá-las, como poderei explicar algum assunto ou coisa para Vossa Majestade?²⁶

Utilizar as parábolas, as metáforas, as palavras de modo adequado é o desafio posto ao sujeito diante da linguagem, ou seja, diante do diálogo e do encontro consigo mesmo e com os outros de si. A metáfora pode ser tomada como uma das diversas representações da tradução intra ou interlingual, em que um universo se transcriba num outro para que ambos se tornem inteligíveis um ao outro em sua diversidade socioeconômica, cultural, política. Assim, o sujeito *não poderia mais falar* se supostamente o código linguístico fosse restringido, uma vez que cada signo linguístico remete sempre a um outro signo que o traduz.

²⁶ CAPARELLI; SCHMALTZ. O uso das metáforas, p. 133.

Traduções, transcrições,
transculturações do espaço

Muito antes do surgimento da palavra, o homem se expressou através da imagem: traços, sinais, desenhos, inscrições nas paredes das cavernas. A escrita desses traços teria sido motivada pela observação/leitura das marcas e dos sinais grafados no solo, gravados nos veios das rochas, da madeira, nos traços das constelações, nos rastros de animais silvestres. Na terra, no gelo, no deserto, nos campos: espaços em que os homens realizam a sua vida e a representam, comunicando-se. Espaço e representação do espaço se concebem sempre em relação dialética, num movimento contínuo de transformação ao longo do "tempo", concebido também em relação dialética com o espaço. Para Roland Barthes, a tese aparentemente paradoxal de que o homem teria aprendido a ler antes de escrever importa menos como informação cronológica do que como evidência de uma sociedade que estruturou a sua escrita e se estruturou a partir do visual e não do oral. Para o semiólogo, “[...] a escrita é uma estrutura autônoma que, no decorrer dos séculos, foi preenchida com a palavra; a escrita é uma estrutura que pouco a pouco se fonetizou.”²⁷ Tese que não invalida o fato de imagem e verbo comporem juntos o tecido da linguagem em suas múltiplas possibilidades de expressão. Como conceber a imagem destituída do verbo, do pensamento, da imaginação? Lúcia Santaella e Winfried Nöth²⁸ reafirmam os dois domínios compositores do mundo das imagens: o das representações visuais (desenhos, pinturas, gravuras, fotografias etc) e o das mentais. Esses domínios são unificados pelos conceitos de signo e de representação. O signo linguístico é constituído do conceito (ideia) que se tem de alguma coisa e de sua imagem acústica, que “[...] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o

²⁷ BARTHES. Oral/escrito, p. 38.

²⁸ SANTAELLA; NÖTH. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*, p. 15.

testemunho de nossos sentidos.”²⁹ O testemunho dos nossos sentidos nos dá a ver sempre uma *possibilidade*: as representações da diversidade da vida e das subjetividades que compõem a diversidade social do espaço: física, biológica, cultural, filosófica, econômica, política, jurídica, epistemológica etc. Captada pelo olhar (também interior) e pela cultura (o *lugar*, o ponto de vista) de uma diversidade de sujeitos e grupos sociais, nos diversos espaços-tempos, a possibilidade se movimenta e se multiplica, num caleidoscópio de imagens e sentidos em contínua transição.

De Ortega y Gasset,³⁰ recolho a ideia de *possibilidade, objet trouvé* para a reflexão sobre as vertigens do olhar que compõem a imagem e suas representações:

Tenho agora ao meu redor cerca de duas dúzias de carvalhos circunspectos e de freixos gentis. É isto um bosque? Certamente não. Estas são as árvores que vejo do bosque. O bosque é uma natureza invisível – por isso em todos os idiomas conserva seu nome um halo de mistério. Posso me levantar agora e tomar uma dessas vagas veredas por onde vejo cruzarem melros. As árvores que antes eu via serão substituídas por outras análogas. O bosque ir-se-á decompondo, desgarrando-se numa série de trechos sucessivamente visíveis. Mas nunca o encontrarei aqui onde estou. O bosque foge dos olhos. [...] Está sempre um pouco mais além de onde nós estamos. De onde chegamos, acaba de sair, restando somente suas pegadas ainda frescas. Os antigos, que projetavam em formas corpóreas e vivas as silhuetas de suas emoções, povoaram as selvas de ninfas fugitivas. [...] De qualquer um de seus pontos, o bosque é a rigor uma possibilidade!

As representações dos lugares, das paisagens, do espaço de modo geral, se fazem das múltiplas possibilidades de construção de imagens do mundo, físico, biológico, humano: lugares e territórios que se organizam de diferentes maneiras, de acordo com a subjetividade da diversidade social e seus diferentes pontos de vista, num tempo-espaço estabelecido e recortado pelo olhar de determinada cultura. Na representação dos lugares, importa fundamentalmente quem olha e enuncia, de qual ponto de vista e

²⁹ SAUSSURE. *Curso de lingüística geral*, p. 80.

³⁰ ORTEGA Y GASSET. *Meditações do Quixote*, p. 68.

em que espaço-tempo. Palavra e imagem combinam-se de diferentes maneiras na representação do mundo que se apresenta diante dos nossos olhos. Os olhos, um dos instrumentos da visão, processo complexo que no âmbito da física resultaria “[...] de três operações distintas (e sucessivas): operações ópticas, químicas e nervosas.”³¹ Para além da física, os olhos refletem a subjetividade dos sentidos, a subjetividade da alma. Vê-se de forma indireta, através dos olhos, espelhos que refletem imagens de luzes, sombras, cores, formas, contornos, preenchidos, ainda, por um outro olhar, o do *terceiro olho*,³² domínio das imagens interiores, da imaginação. Refletindo sobre o olhar, Manoel de Barros, complementa:

Eu não acho que seja pelo olho que entram as coisas minhas. Elas não entram. Elas vêm. Elas aparecem de dentro. Não entram pelo olho. O olho vê, a lembrança revê as coisas, e é a imaginação que transvê, que transfigura o mundo, que faz outro mundo para o poeta, para o artista de um modo geral. A transfiguração é que é a coisa mais importante para o artista.³³

O espelho: metáfora do olhar, das imagens que cada sujeito se dispõe, se propõe ou se dá a ver e a partir daí, a dizer, a enunciar, a ler, a interpretar, a traduzir. Italo Calvino nos lembra que Perseu vence a temerosa figura da Medusa, contemplando-a em seu escudo de bronze,³⁴ ou seja, através do espelho: “[...] é sempre na recusa da visão direta que reside a força de Perseu, mas não na recusa da realidade do mundo de monstros entre os quais estava destinado a viver, uma realidade que ele traz consigo e assume como um fardo pessoal.”³⁵ Em um outro momento da narrativa, podemos ver o herói levando consigo, oculta dentro de um saco, a cabeça da Medusa, da qual frequentemente lança mão como arma no embate com os *outros* que encontra ao longo

³¹ AUMONT. *A imagem*, p. 18.

³² MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 42.

³³ JANELA da alma.

³⁴ Escudo que lhe fora dado por Athena, deusa da sabedoria.

³⁵ *Seis propostas para o próximo milênio*, p. 17.

do seu percurso. Recusar a visão direta é recusar a nossa própria petrificação: a unicidade dos sentidos, a certeza, a fixidez, a imobilidade. É recusar um referente alheio à representação, aos reflexos do olhar, do simbólico e, em uma instância mais subjetiva, recusar a conhecer o mundo múltiplo desconhecido em nós mesmos. Mundo tomado como *estrangeiro*,³⁶ estranho, alheio, distante, diferente, *outro*, *fora de nós* e frequentemente traduzido como monstruoso. Recusar a reconhecer, em nós, os *outros*, ao contrário do que faz Perseu, quando olha o espelho e vê ali refletida a imagem do monstro, concebendo-a *em si* e, ao mesmo tempo, *fora de si*. Ao se dispor ao contato com o mundo estrangeiro, reconhece-o, através do espelho, em vez de ignorá-lo e negá-lo, e, desse modo, evita ser surpreendido e imobilizado: evita ser petrificado por ele.

Nesse *limite eu/outro*, representado e atravessado pela metáfora do espelho e do olhar, se dá o encontro de alteridades, o *contato* entre diferentes sujeitos, seus lugares e seus territórios de vida, de cultura. A metáfora do espelho e do olhar remete-nos, portanto, a uma nova metáfora, a da *fronteira*, atravessamento do *limite*, lugar do contato e da diversidade, mundo da permeabilidade, do trânsito e do transitório: transitividade, movimento, transformação, transculturação: "A questão da alteridade levanta a da fronteira: onde passa a cesura entre o mesmo e o outro?"³⁷ Se o olhar e o espelho representam os *limites eu/outro*, suas *fronteiras* se fazem das múltiplas possibilidades de relações que se estabelecem no contato entre as diversas alteridades e o modo como cada uma delas constrói/representa essas relações.

Ao ler as *Histórias*, de Heródoto, François Hartog estuda como os gregos do período clássico representavam para si os *outros*, não-gregos, propondo para isso uma *retórica da alteridade*, prática que consiste em estudar, nas marcas da enunciação do

³⁶ KRISTEVA. *Estrangeiros para nós mesmos*.

³⁷ HARTOG. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, p. 97.

discurso, o modo como o narrador traduz para si a diferença entre "o seu mundo" e o mundo *outro*, que se propõe a narrar:

A partir da relação fundamental que a diferença significativa instaura entre os dois conjuntos [gregos/citas], pode-se desenvolver uma retórica da alteridade própria das narrativas que falam sobretudo do outro, especificamente as narrativas de viagem, em sentido amplo. Um narrador, pertencente ao grupo *a*, contará *b* às pessoas de *a*: há o mundo em que se conta e o mundo que se conta. Como, de modo persuasivo, inscrever o mundo que se conta no mundo em que se conta? Esse é o dilema do narrador. Ele confronta-se com um problema de tradução.³⁸

Traduzir: tornar uma ideia inteligível a alguém, a uma cultura, através da oralidade, da escrita, de gestos, sinais, expressões, imagens. É assim que todo procedimento de linguagem pode ser compreendido como tradução: "Aprender a falar é aprender a traduzir."³⁹ Traduz-se o mundo "visível", produto das imagens concebidas pelos olhos do sujeito e da sua cultura, da sua língua, da sua subjetividade. Nesse sentido, amplo, a tradução é uma interpretação, uma leitura das imagens do mundo. A língua e a cultura são arcabouços a partir dos quais o sujeito produz sentidos. Ao limitarem com seus contornos a tradução da diferença, tais arcabouços acabam por conduzir o sujeito a criar novas formas de dizer: na tradução de um *outro*, inscreve-se sempre um *mesmo* diferente, ou seja, um *outro* construído a partir de efeitos análogos ao mundo do tradutor. François Hartog observa que Heródoto recorre frequentemente à figura da *inversão* e da *analogia* ao tratar da diferença entre a sua cultura e à do outro que se propõe a traduzir:

As Histórias recorrem a essa figura [a inversão] em muitas ocasiões. Dois exemplos mostram a que ponto ela constitui uma tentação sempre presente para a narrativa que pretenda dizer o outro: num primeiro momento, levanta-se a diferença; num segundo momento,

³⁸ HARTOG. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, p. 229.

³⁹ PAZ. Tradução: *Literatura e literalidade*, p. 9.

ela é "traduzida" ou apreendida" pondo-se em ação um esquema de inversão. Tomemos um primeiro exemplo, bem conhecido – o do Egito: os egípcios vivem num clima outro (*héteros*), às margens de um rio diferente (*állos*) de todos os outros rios, e "adotaram também, em quase todas as coisas, modos e costumes que são o inverso (*émpalin*) dos de todos os outros homens". Quando se trata dos costumes, a diferença transforma-se em inversão. Além disso, o enunciado tem pretensões de universalidade: a inversão mede-se com relação ao resto do gênero humano. Ora, tão logo Heródoto começa a desfiar os exemplos de inversão, percebe-se que, com a expressão "todos os homens" deve-se entender, de princípio e antes de tudo, os gregos."⁴⁰

Quanto aos traços de intraduzibilidade, inerentes a todo sujeito e a toda cultura, não considerados pela *inversão* ou por qualquer outro procedimento de tradução, Hartog acrescenta:

Mesmo que eles resistam ao trabalho que visa torná-los inteligíveis (mesmo que o viajante não possa ou não queira traduzi-los), não são por isso expulsos da esfera do verossímil. Muito pelo contrário, poderíamos pensar que sua verossimilhança reside principalmente nessa aparente falta de sentido. A verossimilhança desses traços que escapam ao processo de inversão estaria no fato de eles se apresentarem, na narrativa, como "idiotismos", cujo sentido não se deixa capturar, constituindo uma espécie de meteoritos. É justamente a impossibilidade de capturar seu sentido que lhes garante a alteridade."⁴¹

Como resultado da operação tradutora, produz-se sempre um *outro*, desejado e estranho, já que a comunicação, seja na mesma língua ou entre línguas diferentes, é frequentemente atravessada pela falta: “toda tradução é apenas um modo, de alguma forma provisório, de lidar com a estranheza das línguas.”⁴² Se a estranheza existe dentro da própria língua, restando-nos, portanto, traduzi-la, o que não garante inteligibilidade total ou unidade, mas, ao contrário, exhibe diferenças e fragilidades, a tradução pode ser

⁴⁰ HARTOG. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, p. 230.

⁴¹ HARTOG. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, p. 232.

⁴² BENJAMIM. *A tarefa-renúncia do tradutor*, p. 201.

compreendida sempre como uma recriação, uma *transcrição*⁴³ do texto de partida. A concepção pré-moderna de tradução que respondia com o ideal de inteligibilidade universal à alteridade babélica não deve ser lida como “garantia da unidade de espírito.”⁴⁴ Toda tradução pressupõe uma incompletude, uma falta, um silêncio, limites de traduzibilidade que reafirmam Babel e ao mesmo tempo apresentam a chave para a sua saída: o reconhecimento do *outro* e a sua tradução, transcrição.

Historicamente marcado pela violência, o contato entre os mundos tomados como *mesmo/outro* valeu-se frequentemente da tradução, no sentido estrito, como ponte para se chegar ao outro e, simultaneamente, como instrumento para a sua dominação. O mundo moderno, que nasce e se expande a partir da travessia do Atlântico pela Europa ocidental rumo às terras da “África”, da “Ásia” e do “Novo Mundo,” usou e abusou da tradução como instrumento de apropriação e de aniquilação do outro. As entradas dos colonizadores nessas terras só se viabilizaram a partir do contato também “pacífico” com os povos autóctones e seus saberes, apropriados para todo tipo de dominação: econômica, religiosa, política etc.

Concebidos pela diversidade de imaginários sociais, os espaços-tempos da diversidade de sujeitos, grupos sociais e as suas formas de representação espacial, exibem, grafadas na língua e na linguagem, suas diferentes concepções simbólicas, ideológicas, políticas, econômicas, culturais. O reconhecimento da diferença, da alteridade, e o cuidado com a sua tradução, de modo a ultrapassar em nós o *ostracismo* e também o *nivelamento*,⁴⁵ demanda, num primeiro momento, o exercício de um *pensamento complexo* que conduza ao encontro e ao diálogo os saberes excluídos do processo de produção do conhecimento. Os saberes populares tradicionais, das

⁴³ Conceito elaborado por Haroldo de Campos (Transluciferação mefistofáustica) para se referir à tradução criativa, aquela que não se submete servilmente ao conteúdo, mas, antes, o trata como *bastidor semântico da coreografia*, ocupando-se, especialmente, da forma significativa.

⁴⁴ PAZ. Tradução: Literatura e literalidade, p. 9.

⁴⁵ KRISTEVA. *Estrangeiros para nós mesmos*.

literaturas, da *arte verbal*,⁴⁶ dos diversos pensamentos filosóficos e das humanidades, de modo geral, têm sido reconduzidos por uma teoria social crítica⁴⁷ ao lugar de contato, de convergência, de diálogo, na prática de uma ciência que deseja interrogar a sua metodologia convencional, os seus caminhos, e, assim, se permitir reinventar, assumindo, como qualquer outro saber, a sua condição de incompletude e de incerteza. Edgar Morin situa o início dos questionamentos da racionalidade e da cientificidade e de seu conseqüente movimento rumo a um *pensamento complexo* a partir dos trabalhos de Bachelard, Popper, Khun, Holton, Lakatos e Feyrabend.⁴⁸ Ao propor a prática de um *pensamento complexo*, no sentido da origem do termo *complexus*, "aquilo que é tecido junto", Morin reconduz a metáfora e, portanto, a literatura, a filosofia e as humanidades, de modo geral, como fontes reveladoras da complexidade humana ignorada pela ciência moderna:

No século XIX, enquanto o individual, o singular, o concreto, e o histórico eram ignorados pela ciência, a literatura e, particularmente, o romance – de Balzac a Dostoiévski e a Proust – restituíram e revelaram a complexidade humana. As ciências realizavam o que acreditavam ser a sua missão: dissolver a complexidade das aparências para revelar a simplicidade oculta da realidade; de fato, a literatura assumia por missão revelar a complexidade humana que se esconde sob as aparências de simplicidade. [...] Todas as obras-primas da literatura foram obras-primas de complexidade: a revelação da condição humana na singularidade do indivíduo (Montaigne), a contaminação do real pelo imaginário (o *Dom Quixote*, de Cervantes), o jogo das paixões humanas (Shakespeare). Melhor ainda: a literatura revela o valor cognitivo da metáfora, que o espírito científico rejeita com desprezo. [...] Ao levantar ondas analógicas, a metáfora supera a descontinuidade e o isolamento das coisas. Fornece, frequentemente, precisões que a língua puramente objetiva ou denotativa não pode fornecer. Assim quando falamos da roupa, do corpo, do buquê, da perna de um vinho,

⁴⁶ JAKOBSON. *Lingüística e comunicação*.

⁴⁷ Toda a obra de Milton Santos, Paulo Freire, Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Hissa, Carlos Walter Porto-Gonçalves, Walter Mignolo, dentre muitos outros.

⁴⁸ MORIN. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, p. 90.

compreendemos melhor sua qualidade do que por meio de referências físico-químicas.⁴⁹

Para Cássio Hissa, a comunicação entre *conhecimentos* e *saberes* realizar-se-ia a partir de um *diálogo epistemológico*, ação que leva em conta os *espaços de fronteira entre os saberes* na construção de uma *epistemologia do complexo*. Essa ação seria realizada, “na prática, através da experiência dos próprios profissionais.”⁵⁰ O autor considera que, apesar de não haver ciência especificamente socioespacial, existem fragmentos do que ele denomina *conhecimento socioespacial*, “[...] dispersos e, muitas vezes, carentes de um contexto de integração, de aproximação de discursos e de ruptura de fronteiras interdisciplinares,”⁵¹ presentes na literatura e também em outros saberes:

Em primeiro lugar, o que se compreende como conhecimento socioespacial está mais próximo das humanidades do que das ciências sociais. Existe um grupo importante na ciência que, que inclusive, percebe as ciências sociais na perspectiva das humanidades, “buscando antes de tudo ampliar a autocompreensão do homem, o que se manifesta em certas formas da sociologia da cultura, da arte, da literatura e do conhecimento.” Entretanto, muito embora não seja de fato uma novidade, tal posição não se refere a uma sociologia da cultura, da arte ou da literatura. O conhecimento socioespacial que aqui se discute absorve a literatura como disciplina que tem contribuições a dar, pois assumiria diversos saberes. Barthes reflete sobre a importância da literatura, observando que – na criação de uma imagem ou caricatura – na perspectiva de exclusão das disciplinas do ensino, a disciplina literária deveria ser salva, “pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.”⁵²

Boaventura de Sousa Santos traça o perfil de uma ordem científica emergente cujo percurso leva em conta a recondução das humanidades na prática, proposta por ele, de uma *ecologia de saberes*: “a promoção de diálogos entre o saber científico ou

⁴⁹ MORIN. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, p. 91-92.

⁵⁰ HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*, p. 285.

⁵¹ HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*, p. 285.

⁵² HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*, p. 288-289.

humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental etc) e que circulam na sociedade."⁵³ A *ecologia de saberes* seria viabilizada, segundo o sociólogo, por um trabalho de *tradução*, complementar ao que ele denomina *sociologia das ausências*⁵⁴ e *sociologia das emergências*:

A tradução entre saberes assume a forma de uma hermenêutica diatópica. Consiste no trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas com vista a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas. Tenho vindo a propor um exercício de hermenêutica diatópica a respeito da preocupação com a dignidade humana entre o conceito ocidental de direitos humanos, o conceito islâmico de *umma* e o conceito indu de *dharma* (SANTOS, 1995a:337-347; 2003b:444-451). Dois outros exercícios de hermenêutica diatópica parecem-me importantes. O primeiro consiste na tradução entre diferentes concepções de vida produtiva entre as concepções de desenvolvimento capitalista e, por exemplo, a concepção do *swadeshi* proposta por Ghandi. [...] O segundo exercício de hermenêutica diatópica consiste na tradução entre várias concepções de sabedoria e diferentes visões do mundo. Tem lugar, por exemplo, entre a filosofia ocidental e o conceito africano de *sageza filosófica*. Este último é uma contribuição inovadora de Odera Oruka (1990a, 1990b, 1998), entre outros. Assenta numa reflexão crítica sobre o mundo, protagonizada pelos *sages*, como os designa Odera Oruka, sejam eles poetas, médicos tradicionais, contadores de histórias, músicos ou autoridades tradicionais.⁵⁵

O *conhecimento socioespacial*, presente nos textos literários, nas *artes verbais*, formulado pela geografia ou por qualquer outro campo de *conhecimento* ou *saber* é, antes de qualquer coisa, resultado de uma *tradução*, em sentido em amplo, do espaço. A *tradução*, *transcrição* como operadora da leitura da ciência que leva em conta a

⁵³SANTOS. *A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*, p. 76.

⁵⁴A *sociologia das ausências* opera identificando experiências sociais produzidas como ausentes, de modo a promover movimentos que as torne presentes, possíveis, *emergentes*.

⁵⁵ SANTOS. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*, p. 124-125.

revalorização dos saberes, num movimento contrário ao do seu *desperdício*,⁵⁶ seria viabilizada pela escuta das diferentes vozes portadoras dos mais diversos *saberes*. Escuta que pressupõe o reconhecimento do *outro* em nós, a sua acolhida, ao contrário da sua aniquilação e exclusão do processo de produção do *conhecimento*:

[...] um epistemicídio maciço tem vindo a decorrer nos últimos cinco séculos, e uma riqueza imensa de experiências cognitivas tem vindo a ser desperdiçadas. Para recuperar algumas destas experiências, a ecologia de saberes recorre ao seu atributo pós-abissal mais característico, a tradução intercultural. Embebidas em diferentes culturas ocidentais e não-ocidentais, estas experiências não só usam linguagens diferentes, mas também distintas categorias, diferentes universos simbólicos e aspirações a uma vida melhor.⁵⁷

Da negação da diferença ao seu reconhecimento, o movimento em direção ao *outro*, demanda um pensamento paradoxal em que semelhança e diferença, identidades e alteridades contrastam-se e complementam-se, constituindo um todo complexo: “Diferentemente do conhecimento científico, que desloca a ignorância para o *outro*, o saber convida a ignorância por saber mais, por desaprender mais a partir do que permanentemente se aprende.”⁵⁸ O reconhecimento do *outro* como sujeito é um desafio que requer consciência e humildade. O processo de transformação e integração dos saberes a ser viabilizado pela tradução convoca diferentes sujeitos a se reunirem diante do mesmo utópico desafio: aprender a ouvir, a falar, a traduzir, a transcriar, estabelecendo um diálogo sem ostracismo e sem nivelamento, sem a violência da predominância, da dominação ou da colonização de nenhuma das partes. Permanência de Babel, reformulada, livre da “eterna” condenação à incomunicabilidade.

⁵⁶ SANTOS. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*.

⁵⁷ SANTOS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, p. 61.

⁵⁸ HISSA. Território de diálogos possíveis, p. 72.

Epistemologias de fronteira

“Todas as ciências são de síntese ou simplesmente não são ciências,” afirmou Milton Santos⁵⁹ ao se referir ao fato de a geografia ter se afirmado, desde o início do seu processo de constituição, como ciência capaz de trazer para o seu campo de estudo outros campos das ciências, tanto humanas quanto naturais e exatas. Edgar Morin assinala que a ciência de qualquer tempo é necessariamente transdisciplinar.⁶⁰ Mais recentemente, ao refletir sobre certo decréscimo da experiência do pensamento em tempos de *mutações*,⁶¹ o físico e cosmólogo Luiz Alberto Oliveira relembra Heiddgger e Nietzsche:

Mas a fissura entre a Ciência (e decerto, suas derivações técnicas) e a atividade positiva do pensar já havia sido antevista por Nietzsche, que mesmo num período em que vigorava amplamente a ideologia do "Progresso" – talvez o mais autêntico substrato mítico da Cosmovisão clássica – assinalou com agudeza que "[...] o problema da Ciência não poderá ser abordado no domínio da Ciência." E seguindo esta linha encontraremos, no próprio coração da postura crítica das Humanidades perante o vulto assumido pelos saberes e práticas da Ciência Natural, a bem conhecida observação de Heiddgger: "A ciência não se move na dimensão da Filosofia, mas, sem o saber, se liga a essa dimensão. [...] A Ciência, enquanto Ciência, não pode decidir o que são Movimento, Espaço, Tempo. Portanto, a Ciência não pode pensar com seus métodos (a Física não é o método da Física!) [...] É próprio de sua essência que dependa do que pensa a Filosofia, mas se esqueça e negligencie o que aí se exige ser pensado."⁶²

Convencionalmente, a epistemologia se refere ao exercício cujo propósito é estudar o conhecimento disciplinar: “os estudos epistemológicos, portanto, têm o

⁵⁹ SANTOS. *Por uma geografia nova: da crítica à geografia a uma geografia crítica*, p. 126.

⁶⁰ MORIN. *Ciência com consciência*.

⁶¹ NOVAES. *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*; NOVAES. *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*; NOVAES. *A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutações*; NOVAES. *Mutações: a experiência do pensamento*.

⁶² OLIVEIRA. O que Poincaré sussurrou a Valéry, p. 390.

objetivo de questionar a natureza das disciplinas científicas, a lógica que as estrutura, o valor que lhes é concedido, assim como as suas próprias finalidades.”⁶³ A uma ciência que pretende se transformar, não basta, entretanto, a prática da reflexão e do diálogo entre *disciplinas* no processo de produção do *conhecimento científico*. A consciência da complexidade do mundo exige de nós uma epistemologia que se abra à diversidade, à pluralidade, à transitividade e ao movimento contínuo entre *campos do conhecimento e saberes* contra todo tipo de monocultura na construção do *conhecimento*. Epistemologias de *fronteira* que permitam o encontro, o contato e o diálogo entre diferentes alteridades para que possam ser ampliadas as possibilidades de construção de linguagens que, de fato, se comuniquem e assim se enriqueçam e se fortaleçam: “O princípio de incompletude de todos os saberes é condição da possibilidade de diálogo e debate epistemológicos entre diferentes formas de conhecimento.”⁶⁴

Ao conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes realizada ao longo da modernidade por uma única epistemologia que tem se imposto como dominante, Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses denominam *Epistemologias do Sul*:

intervenções epistemológicas [...] que valorizam os saberes que resistiram com êxito, e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes.⁶⁵

As epistemologias do sul são um convite a um amplo reconhecimento das experiências de conhecimentos do mundo. Incluindo, depois de configuradas, as experiências do Norte global. Abrem-se, assim, pontes insuspeitadas de intercomunicação, vias novas de diálogo. No plano epistemológico, o mundo não pode se contentar com breves

⁶³ HISSA. Saberes ambientais: a prevalência da abertura, p. 47.

⁶⁴ SANTOS. *A Gramática do tempo: para uma nova cultura política*, p. 107.

⁶⁵ SANTOS; MENESES. Prefácio, p. 11.

resumos de si próprio, mesmo sabendo que a ‘versão completa e integral’ é impossível.

O presente estudo procura se desenvolver a partir da reflexão sobre o *lugar-sertão* no mundo e também sobre o *mundo do sertão* no *lugar*, levando em conta o contato entre diferentes saberes, científicos, literários, da *arte verbal*, do senso comum, e a riqueza de experiências que esses saberes são capazes de nos proporcionar.

O PALIMPSESTO ESPACIAL

Grafias, rasuras e rugosidades

As dinâmicas dos processos de transformação do *espaço-mundo* podem ser interpretadas tomando-se o espaço como um *palimpsesto*⁶⁶ cujo corpo se faz de camadas diversas de *grafias*, compreendidas tanto como as alterações físico-sociais experimentadas por ele, espaço, quanto pelos discursos diversos, das ciências, das *artes verbais*, das diversas literaturas, do senso comum, que representam essas alterações. Considera-se que uma organização espacial vá se inscrevendo sobre a outra a partir de fatos históricos, como, por exemplo, o processo de urbanização caótico gerado pela industrialização, o desenvolvimento e a aliança da técnica e da ciência e a transnacionalização de uma economia que se impõe como hegemônica. A imagem de um palimpsesto sugere a existência de grafias antigas que teriam sido *raspadas*, omitidas, *apagadas* para dar origem a novas grafias. Num palimpsesto, entretanto, nem sempre a sobreposição das diversas e distintas grafias, em tempos diversos, representa a supressão completa da grafia anterior, já que o processo de *raspagem*, *rasura* das superfícies, não é absoluto. Além disso, na estruturação dos palimpsestos, processo que se articula ao tempo, à história, está necessariamente presente a memória. Ao se considerar que o visível incorpora o olhar que carregamos em nós (olhar interior), restam sempre na memória dos lugares (nos sujeitos) imagens que já não estão na superfície mais recente. Ecléa Bosi⁶⁷ nos mostra a importância dos idosos na reconstituição da história dos lugares. Guardados nas vivências mnemônicas dos velhos, e reveladas em depoimentos, lá estão os antigos lugares e os acontecimentos

⁶⁶ Metáfora muito utilizada por diversos pesquisadores, como, por exemplo, Milton Santos, na elaboração do conceito de paisagem (*Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*), David Harvey, na compreensão da cidade contemporânea (*Espaços urbanos na aldeia global: reflexões sobre a condição urbana no capitalismo do final do século XX*), Gérard Genette, na elaboração do conceito de transtextualidade (*Palimpsestos*).

⁶⁷ BOSI. Memória e sociedade: lembranças de velhos.

neles vivenciados – a casa, o bairro, a rua, a escola, o centro, os jardins – espaços afetivamente compartilhados num tempo específico que através da memória nos abre a possibilidade de acesso às primeiras inscrições do palimpsesto.

Na mais recente camada de escrita, na mais recente superfície, emergem sempre traços diversos das escritas anteriores, grafias e *grafemas*⁶⁸ que resistem ao processo de *raspagem* e emergem nas novas superfícies, constituindo *superfícies complexas*:⁶⁹ um todo heterogêneo, um mosaico de formas, funções e fluxos de diferentes tempos e espécies. São as *rugosidades* de que nos fala Milton Santos.⁷⁰

Como um único pergaminho cujo corpo, dinâmico, processual, está em contínuo movimento, agregando grafias de todos os tipos e tempos, o espaço vai se tornando cada vez mais complexo, constituindo-se de múltiplas superfícies, todas esgarçadas, deixando à mostra, por suas fissuras, o intrincado e heterogêneo tecido, de cada vez mais difícil legibilidade. É assim que se pode observar, por exemplo, trechos, traços, linhas inteiras de cidades antigas, no sentido estrito, ou de cidades de temporalidades diversas, convivendo lado a lado com fragmentos hipermodernos de cidades contemporâneas: Bizâncio, Constantinopla, Istambul. Quando se pensa em uma escala menor, nos diversos lugares dos interiores das cidades, nas *cidades das cidades*,⁷¹ são ainda mais diversas as temporalidades que co-habitam a cidade contemporânea, traços que se veem nos diferentes modos de vida que se espalham nesse tecido heterogêneo, *rugoso*, denso de diversidade, de movimento, de transição, a cidade. Esse processo, de *complexificação do espaço*, conduz-nos necessariamente à releitura, à reformulação constante dos conceitos-categorias que nomeiam partes do seu corpo, como, por exemplo, a *paisagem*, o *lugar*, o *território*, a *região*, assim como os

⁶⁸ A palavra é utilizada aqui no sentido de *traços, sinais, fragmentos de letras obliteradas*.

⁶⁹ HISSA; MELO. O lugar e a cidade: conceitos do mundo contemporâneo, p. 297.

⁷⁰ SANTOS. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.

⁷¹ HISSA. As cidades das cidades.

demais conceitos que buscam compreender o homem e sua vida. Todos os conceitos são dinâmicos, processuais, da ordem do movimento, da mutação, já que o espaço é dinâmico, assim como a vida.

Muito se discutiu a respeito da velocidade das transformações tecnocientíficas e, por extensão, econômicas e culturais da contemporaneidade que, ao promoverem com seus fluxos de alcance mundial o encurtamento das distâncias através da instantaneidade das informações, seriam capazes de comprimir tempo e espaço. Coberto por uma película que se impõe como global, o *mundo* emergiria por meio de processos contemporâneos associados à transnacionalização da economia. Decorrem daí, por um lado, interpretações que procuram compreender os lugares, os territórios, as regiões, as paisagens como subordinados ao processo de homogeneização: a uniformização de valores e comportamentos conduzindo ao *pensamento único*⁷² ameaçaria as identidades das culturas local, regional, nacional, decretando a morte da tradição. Por outro lado, as transformações experimentadas pelo mundo dos lugares e dos territórios são enaltecidas por um discurso hegemônico como extraordinárias, porque capazes, entre muitas proezas, de suprimir os limites do tempo e do espaço. Diante da comunicação verbo-visual em “tempo real,” a aproximação dos lugares, dos indivíduos, das populações e, hipoteticamente, a elevação do padrão de vida pela facilidade de acesso aos produtos, criou-se a imagem da globalização total a partir, apenas, da globalização econômica, que se manifesta, de fato, como transnacionalização do capital financeiro. Como se o *mundo* pudesse se tornar acessível a todos.

Tal discurso constrói a ideia de *mundo como fábula*,⁷³ como nos mostra Milton Santos, ocultando a perversidade da *globalização* tal qual ela se apresenta de fato, que

⁷² SANTOS. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal.

⁷³ SANTOS. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal.

resulta no abandono da educação e da saúde, na intensificação da degradação ambiental e na ampliação das desigualdades sociais. A imagem de homogeneização é bastante imprecisa: toda superfície é passível de esgarçamentos e fissuras através dos quais se entreveem superfícies de diversidade, diferenças, exclusão. A mais contemporânea superfície do mundo é atravessada pela diversidade de lugares, pelas inesgotáveis diferenças dos modos de vida que recusam a ideia de homogeneização. Os tecidos de revestimento das camadas de grafias espaciais, esgarçados como resultado da heterogeneidade típica do espaço, evidenciam os limites ao escoamento total das superfícies grafadas, à sua padronização ou homogeneização, à rasura absoluta, isenta de vestígios, imune aos borrões, livre de grafemas: “[...] as condições preexistentes em cada lugar, o seu estoque de recursos, materiais ou não, e de organização – essas rugosidades [...]”⁷⁴ diferenciam os lugares, fazendo com que deles se manifestem as suas próprias possibilidades de resistência, os limites à sua homogeneização.

A velocidade dos ritmos digitais, eletrônicos, que se apresentam como globais, assim como a diversidade de fluxos de todos os tipos, especialmente os de consumo, a instantaneidade e a simultaneidade de processos, constituem, no conjunto, uma “superfície de territórios,” que atravessa o *mundo* dos mais diversos lugares. O *mundo* não se reduz, entretanto, apenas à dinâmica do capital. A vida é feita de vários significados passíveis de identificação nos lugares, de diferenças que emergem e esgarçam o fino tecido da superfície de *mundo* tomada como unívoca. Cabe aqui a distinção dos significados que atribuímos à palavra *mundo*:

[...] o “mundo inteiro” é uma ficção. A chamada “aldeia global” não existe. É apenas uma construção. Eu sempre desconfio de tudo o que é apresentado como sendo global, pois falta sentido a esse conceito.

⁷⁴ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção*, p. 203.

Meu ponto de partida são os valores. Estes podem até se tornar mundiais, mas o ponto de partida é local.⁷⁵

Uma chave de leitura para as diversas superfícies de *mundo* nos é apresentada pela expressão *Corpo do mundo* e suas derivações teóricas, cunhada por Cássio Hissa a partir de sua leitura da bela declaração de Milton Santos:

O *mundo inteiro* poderá mesmo ser visto como uma ficção. Mas isso também valerá para a *cidade inteira*, o *lugar inteiro*, o *território inteiro*. Há *recortes de mundo* no interior do *corpo do mundo*. Do mesmo modo, há *recortes de lugar*, de cidades, assim como *recortes de território* no interior do corpo do território.⁷⁶

Ao longo do *corpo do território*, produzem-se territórios de economia globalizada e também *cartografias omissas*,⁷⁷ lugares e territórios de exclusão social. Dependendo do grau de *atopia*,⁷⁸ imposto pelas *rasuras* dos fluxos hegemônicos, dessas *cartografias* podem emergir ou não lugares e territórios de cidadania e de resistência que se organizam a partir de outros tipos de economia, outros ritmos, outras temporalidades, representando limites à mesma racionalidade produtora desse tecido de lugares. Entra-se aqui nos diversos *mundos* presentes no interior do *corpo do mundo*.

Mesmo a partir do *recorte de mundo* representado pelo território transnacionalizado, não se sustenta a leitura da unificação e da integração dos mercados que originaria uma superfície homogênea, feita de processos padronizadores. Na prática, essa interpretação é claramente insustentável, não apenas pelas intensas diferenças históricas entre países, regiões, cidades, lugares, mas também pela evidência de que, na lógica de acumulação de capitais, os recursos do ambiente se esgotariam se a

⁷⁵ SANTOS; HARAZIM. O mundo não existe.

⁷⁶ HISSA. Território de diálogos possíveis, p. 37.

⁷⁷ As *cartografias omissas* não são constituídas de lugares omissos, mas sim, por lugares *que foram omitidos, obliterados, rasurados*, em parte, por territórios hegemônicos. Os territórios hegemônicos produzem as cartografias mais visíveis do que chamamos *mundo*.

⁷⁸ A *atopia* será tratada no próximo capítulo.

emergência da riqueza dos países pobres fosse padronizada no mundo a partir do desenvolvimento dos países ricos. A leitura do mundo, feita por esses processos padronizadores, aponta a inclusão de poucos e a exclusão da maioria.

Ainda sobre a declaração de Milton Santos, na poética leitura de Cássio Hissa:

O mundo se expressa nos lugares, escreverá o geógrafo. Cada qual a seu modo, os lugares são *expressões do mundo*. Mas a que mundo ele se refere? Não, certamente, à *geometria do mundo* ou à sua *esfericidade planetária*. Ele se refere ao mundo *dos sujeitos da existência*, que, inevitavelmente se dá nos lugares, na *escala do cotidiano*. Não se existe no mundo, mas nos lugares onde a vida social se desenrola.

O *lugar*, o *mundo*, o *território* são fragmentados, heterogêneos, indivisíveis, *esquizofrênicos*,⁷⁹ na medida em que apenas parte deles acolhe as imposições do *corpo de mundo* que se impõe como hegemônico, enquanto que outra parte, constituída pelo aumento do contingente dos excluídos desse *corpo de mundo* funciona como *limites* à imposição de uma única racionalidade:

A tendência atual é que os lugares se unam verticalmente e tudo é feito para isso, em toda parte. Créditos internacionais são postos à disposição dos países mais pobres para permitir que as redes se estabeleçam ao serviço do grande capital. Mas os lugares também podem se unir horizontalmente, reconstruindo aquela base da vida comum suscetível de criar normas locais, normas regionais... Na união vertical, os vetores de modernização são entrópicos. Eles trazem desordem às regiões onde se instalam, porque a ordem que criam é em seu próprio, exclusivo e egoístico benefício. Se aumenta a coesão horizontal isso se dá ao serviço do mercado, mas tende a corroer a coesão horizontal que está a serviço da sociedade civil como um todo. Mas a eficácia dessa união vertical está sempre sendo posta em jogo e não sobrevive senão às custas de normas rígidas, ainda que se fale em neoliberalismo. Enquanto isso, as uniões horizontais podem ser ampliadas, mediante as próprias formas novas de produção e consumo. Um exemplo é a maneira como produtores rurais se reúnem para defender os seus interesses, o que lhes permitiu passar de um consumo puramente econômico, necessário às respectivas produções a

⁷⁹ SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*.

um consumo político localmente definido e que também distingue as regiões brasileiras umas das outras. Devemos ter isso em mente ao pensar na construção de novas horizontalidades que permitirão, a partir da base da sociedade territorial, encontrar um caminho que nos libere da globalização perversa que estamos vivendo e nos aproxime da possibilidade de construir uma outra globalização, capaz de restaurar o homem na sua dignidade.⁸⁰

No nível das conquistas localizadas, no âmbito dos sujeitos do mundo e das comunidades locais, “é preciso fazer com que o local contra-hegemônico também aconteça globalmente,” como sugere Boaventura de Sousa Santos.⁸¹

O sociólogo faz referência às possibilidades de consolidação de movimentos contra-hegemônicos de amplitude global, desenvolvidos através do diálogo entre movimentos e práticas culturais contestadoras.⁸² Desse diálogo, que adquire corpo através de processos interculturais de tradução, emergem fortes movimentos cuja lógica se rivaliza com a racionalidade própria da globalização hegemônica. Esse diálogo, a construção da contra-hegemonia, se dá na “escala” do *lugar*.⁸³ À globalização dita hegemônica se contrapõe um conjunto de globalizações, muitas delas de âmbito *local/global*:

A ideia é que [...] esta forma de globalização, apesar de hegemônica, não é a única, e tem vindo, de fato, a ser crescentemente confrontada por uma outra forma de globalização, uma globalização alternativa, contra-hegemônica, constituída de um conjunto de iniciativas, movimentos e organizações que, através de vínculos, redes e alianças locais/globais, lutam contra a globalização neoliberal, mobilizados pela

⁸⁰ SANTOS. O retorno do território, p. 19-20.

⁸¹ SANTOS. Os processos da globalização, p. 74.

⁸² SANTOS. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.

⁸³ “Uma das armadilhas da globalização neoliberal consiste em acentuar simbolicamente a distinção entre o local e o global e ao mesmo tempo destruí-la ao nível dos mecanismos reais da economia [...]. Ao nível dos processos transnacionais da economia à cultura, o local e o global são cada vez mais os dois lados da mesma moeda [...]” (SANTOS. Os processos da globalização, p. 73)

aspiração de um mundo melhor, mais justo e pacífico que julgam possível e a que sentem ter direito.⁸⁴

É desse modo que a partir do *lugar* se produzem territórios de cidadania e de resistência que funcionam como limites às perversidades socioambientais da chamada globalização, criando alternativas ao pensamento único, imposto por um *corpo mercantil de mundo*. Utilizando o território (espaço habitado) como base para a ampliação da consciência universal, como observou Milton Santos.⁸⁵

⁸⁴ SANTOS. Prefácio, p. 13.

⁸⁵ SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*.

Cartografias omissas

Mapas omissos

Quem vai para as nuvens passa
necessariamente pela cidade onde nasci:
um povoado com igrejas e casas
incrustadas nos morros, a torre com
a imagem encardida do santo calvo
segurando um ramo de arroz e os
dedos em pregação para o ar
e as andorinhas.
Todos os mapas são omissos quanto
a esse ofuscante santuário da infância.
É que de tão alto, o lugarejo só é visto
nos relâmpagos.

Cândido Rolim, *Exemplos alados*.

Em contínuo movimento, permanente transição, o espaço experimenta ritmos cada vez mais intensos de aceleração de seus processos socioespaciais. A dinâmica desses ritmos, impulsionada pelo avanço e pela aliança da técnica e da ciência, é dada pela ideia de desenvolvimento e de consumo a qualquer preço. Na *sociedade do espetáculo*,⁸⁶ mundo da ditadura do mercado, da mercadoria e do consumo, redesenam-se a todo o tempo novas cartografias, redefinem-se continuamente os lugares, os territórios, suas paisagens. As mais recentes cartografias do mundo, produzidas pelos fluxos cada vez mais velozes de capitais, informações, comportamentos e sujeitos, são feitas de mapas de lugares interconectados transnacionalmente e também daqueles economicamente pouco conectados, em diversos níveis, cujas linhas emergem e se espraiam por todo o tecido cartográfico. Evidenciam-se, assim, nos territórios de economia globalizada, *cartografias omissas*. Compondo o mesmo tecido da superfície-espço, emergem esses lugares-territórios de exclusão junto aos lugares-territórios de economia globalizada,

⁸⁶ DEBORD. *A sociedade do espetáculo*.

constituindo *rugosidades*. As favelas que emergem dos interiores das valorizadas (do ponto de vista do mercado) zonas-sul das grandes cidades são uma caricatura, um detalhe dessa cartografia. Essas rugosidades representam *limites* às tradicionais clivagens ideológicas dicotômicas, *arquétipos espaciais do subdesenvolvimento*,⁸⁷ tais como, *centro e periferia, cidade e campo, Norte e Sul*. Ao se inscreverem ao longo dos mapas imperiais transnacionais do capital financeiro, ainda que invisibilizadas por esses mapas, as cartografias omissas representam também a crise ou a necessidade de transformação dos ideais de vida impostos pela modernidade, na contemporaneidade, radicalizada.

O cenário de radicalização da modernidade se faz sentir de forma cada vez mais intensa através da consolidação da lógica capitalista mundial alimentada pela transnacionalização da economia e pela implementação em larga escala da política neoliberal. Prática que reafirma a livre iniciativa, promove, sob o signo do desenvolvimento e suas metas suspeitas, a apologia do mercado, e impõe o embuste do Estado mínimo. Os Estados Nacionais reduzem a sua *regulação*, as suas funções sociais, para se aliar às agências de fomento do capital financeiro internacional, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, no fortalecimento desse capital. Grandes empresas a serviço do capital financeiro “exercem” cada vez mais a regulação social no lugar do Estado. Privatiza-se gradativamente a vida privada, com o domínio de serviços básicos, como, por exemplo, a saúde, nas mãos de pequenos grupos de grandes empresários. Como resultado de toda essa política, se vê uma mundialização intensamente desigual do mercado, com a crescente submissão dos países mais pobres às exigências do capital financeiro, a injusta distribuição dos benefícios da tecnologia e da produção e divulgação do *conhecimento*. E, ainda, a ampliação das desigualdades sociais e da degradação ambiental, o surgimento e a valorização de um imaginário social consumista e individualista e a mercantilização das relações sociais, esses dois

⁸⁷ MUSSET. De Lênin a Lacoste: os arquétipos espaciais do subdesenvolvimento.

últimos muito bem distribuídos entre os mais diversos grupos sociais. O mercado atravessa todos os tipos de lugares, produzindo e estimulando o consumo em toda parte: mesmo os lugares pouco conectados às redes transnacionais de mercado experimentam explicitamente transformações radicais em suas paisagens. Os modos de vida, em geral, são compreendidos e exercitados como modos de *ter*. A informação e o consumo se transnacionalizam, produtores e produtos da *unicidade da técnica, do tempo e do motor da vida econômica e social*,⁸⁸ bases materiais do *pensamento único* imposto pela globalização econômica.

Mas, tal como nos mostra Milton Santos,⁸⁹ apesar da perversidade a partir da qual se distribuem no mundo os avanços da técnica e da ciência, parte desses avanços chega inadvertidamente aos grupos sociais menos favorecidos, fornecendo-lhes bases para a criação de territórios de cidadania fundados em outras racionalidades. Ao atravessar diferentes lugares e territórios, o mundo do mercado distribui seus produtos por toda parte. A informação e o consumo não são mais privilégio de um único grupo social. Emergem pelo mundo movimentos contrários ao *globalitarismo*,⁹⁰ instrumentalizados pela próprias novas formas de produção e consumo. As músicas de protesto dos *rappers*, divulgadas em clipes, DVDs e CDs de produção doméstica, a sua ocupação de espaços urbanos, através do movimento *hip-hop*, são apenas alguns exemplos de possibilidades de construção de territórios de afirmação política e econômica de grupos sociais menos favorecidos. Territórios alternativos àqueles que se impõem como únicos, globais, hegemônicos, nas mais diversas escalas. Cria-se, assim, uma tensão permanente de valores de produção da vida entre os lugares hiperglobalizados economicamente e aqueles menos “globalizados,” constituindo

⁸⁸ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*.

⁸⁹ SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*.

⁹⁰ SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*.

férteis territórios de novas sinergias e, portanto, *territórios de utopias* nos processos de transformação social.

As *cartografias omissas* representam, desse modo, um espaço paradoxal, feito de territórios de atopias e utopias, lugares capazes de produzir ou não territórios de resistência e de cidadania que se apresentam em outros tempos, outras técnicas, outros ritmos, outras economias, diferentes do tempo, da técnica e do pensamento único impostos pelos ritmos “globais.”

Paisagens, lugares e territórios

Nas atuais condições da globalização, a metáfora proposta por Pascal parece ter ganho realidade: o universo visto como uma esfera infinita, cujo centro está em toda parte... O mesmo se poderia dizer daquela frase de Tolstoi, tantas vezes repetida, segundo a qual, para ser universal, basta falar de sua aldeia... Como nos lembra Michel Serres, “[...] nossa relação com o mundo mudou. Antes, ela era local-local; agora é local-global [...] Recorda esse filósofo, utilizando um argumento aproximativamente geográfico, que “hoje, temos uma nova relação com o mundo, porque o vemos por inteiro. Através dos satélites, temos imagens da Terra absolutamente inteira.”

Milton Santos

Paisagens, lugares, territórios, regiões são termos recorrentes do *imaginário espacial*, compreendido, genericamente, como a diversidade de discursos provenientes tanto de diferentes saberes quanto da produção teórica das diversas áreas do conhecimento que tratam do espaço. Na linguagem cotidiana, utilizados comumente na acepção de *área, terreno, extensão de terra*, tais termos, incluindo-se aí o espaço, frequentemente se confundem. Em determinados sentidos, é possível tomar um conceito pelo outro pelas suas próprias possibilidades de uso. Categorias de análise dos estudos socioespaciais, *espaço, região, território, lugar e paisagem* se concebem em natureza intimamente relacional, demandando, por isso, abordagens teóricas que se atravessam. O dinamismo do espaço e das suas formas de representação faz com que essas categorias ganhem novos sentidos como resultado da própria dinâmica espacial.

Os esforços para que a geografia fosse sistematizada como ciência, no contexto da compartimentalização e hiperespecialização das ciências da modernidade do fim do século XIX consistiam, num primeiro momento, em reunir e interpretar as descrições de paisagens, dispersas em textos filosóficos, literários e relatos de viajantes. Tais esforços, partindo dos alemães Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter

(1779-1859), tomavam a geografia como a *ciência das paisagens*.⁹¹ O conceito de paisagem, numa época marcada pelo pensamento determinista-positivista, não dava margem, entretanto, a abordagens que incluíssem a sua dimensão subjetiva, simbólica, tal como acontece na contemporaneidade. Ainda que o ponto de partida para o estudo da paisagem fossem descrições e relatos de viagens, gêneros (mais do que muitos outros) bastante suscetíveis a uma densa carga de subjetividade. Vera Mayrinck Melo faz um breve esboço das alterações experimentadas pelo uso e pelo conceito de paisagem:

No início do século XX, a paisagem foi um dos primeiros temas a ser abordado numa perspectiva cultural pelos geógrafos alemães, sendo posteriormente incorporada pela geografia cultural, nos anos 20, por meio do geógrafo americano Carl Ortwin Sauer, da Escola de Berkeley. No entanto, essa abordagem privilegiou a análise morfológica da paisagem, considerando apenas aspectos materiais da cultura. A paisagem cultural, analisada sob essa perspectiva, perdurou até a década de 1940. Durante as décadas de 1950 e 60, o estudo da paisagem não foi predominante, mas a partir da década de 1970, de acordo com Corrêa, os geógrafos se reconciliaram com a tradição que remonta ao passado, voltando a paisagem a ser um dos conceitos-chave da geografia, mas inserida em outras abordagens. Dentre essas novas abordagens são considerados os aspectos subjetivos da paisagem [...].⁹²

Todo conceito é datado pela história da cultura. O objetivo neste estudo não é traçar uma historiografia dos conceitos de paisagem, lugar e território, recuperando as várias significações que lhe foram atribuídas ao longo do tempo, mas refletir sobre eles a partir de pensadores contemporâneos, como, por exemplo, Milton Santos. Este estudo também não pretende apresentar definições dos referidos conceitos (que até mesmo podem se rivalizar), fornecendo-lhes contornos precisos, mas apenas discuti-los

⁹¹ CAPEL. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía*.

⁹² MELO. Paisagem e simbolismo, p. 30-31.

a partir de uma outra ótica, a das suas relações, de modo a construir algumas referências a partir das quais se aborda a temática central desta pesquisa.

Milton Santos propõe que se pense o espaço como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”⁹³, ou como um sistema de *fixos* e *fluxos*.⁹⁴ Os *objetos* são compreendidos como o resultado das interferências e realizações materiais do homem e das sociedades no espaço ao qual se costuma designar “natureza,”⁹⁵ ou seja, as interferências produzidas pelo trabalho, a partir do desenvolvimento da técnica. São os instrumentos de trabalho e as forças produtivas, os *fixos*, ou seja (num determinado momento histórico), pontes, portos, edifícios, rodovias, fábricas, hospitais, indústrias etc. O *sistema de ações* (ou de *fluxos*) pode ser pensado como a diversidade de relações que os homens estabelecem entre si, os *eventos*,⁹⁶ mediados pelo *sistema de objetos*. Os dois sistemas, o de *fixos* e o de *fluxos*, encontram-se permanentemente em interação: a existência de um implica a do outro; o fortalecimento de um implica o do outro. Ambos dizem respeito ao espaço que se produz e que, utilizado pelas sociedades, concede existência aos territórios habitados.⁹⁷

O espaço pode ser compreendido como uma espécie de *categoria-matriz*,⁹⁸ simultaneamente *continente e conteúdo*, uma vez que contém as demais categorias e ao mesmo tempo é contido por elas. Do espaço, podem-se derivar a paisagem, o lugar, o território, a região, que se concebem numa relação sistêmica, o que não significa que essas categorias não possam receber abordagens específicas. É certo que se pode, para determinadas finalidades interpretativas, abordar isoladamente cada uma delas. Essa

⁹³ *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 21.

⁹⁴ *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*, p. 77.

⁹⁵ Através dos processos de mercantilização do mundo, cujo marco inaugural é a modernidade ocidental do século XVI, exteriorizamos progressivamente de nós a *natureza* a fim de mercantilizá-la, mercantilizando-nos. Na modernidade radicalizada, esses processos se intensificam a partir da transnacionalização do capital financeiro.

⁹⁶ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 86.

⁹⁷ SANTOS. O retorno do território.

⁹⁸ HISSA. Categorias geográficas: reflexões sobre sua natureza.

iniciativa é realizada com frequência, e o mais rotineiro é que assim se faça. Mas, como observa Milton Santos,⁹⁹ todas essas categorias se referem a um convergente universo teórico e tal situação merece ser considerada: é o que interessa ao presente estudo.

Todos os lugares têm as suas paisagens, referem-se a determinados territórios, estão inseridos em regiões. Todas essas categorias derivam de processos históricos, culturais, políticos, econômicos, e, também, biológicos, físico-químicos que se atravessam, constituindo mundos de caráter complexo. Feitos da mesma “matéria” – o espaço – tanto a paisagem, quanto o lugar, o território e a região constituem-se de formas, funções e fluxos em permanente processo de mutação. Os objetos (elementos artificiais) produzidos pelos homens, assim como os elementos naturais, são dotados de formas e funções, continuamente metamorfoseadas pelo desenvolvimento do sistema técnico ao longo do tempo, pela ação dos fluxos e suas lógicas de produção do espaço, pela cultura e suas subjetividades. Desempenham funções capazes de criar novas formas, enquanto outras permanecem, com novas funções ou não.

Refletindo sobre a paisagem, Milton Santos escreve:

[...] uma região produtora de algodão, de café ou de trigo. Uma paisagem urbana ou uma cidade de tipo europeu ou de tipo americana. Um centro urbano de negócios e as diferentes periferias urbanas. Tudo isso são paisagens, formas mais ou menos duráveis. O seu traço comum é ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser o resultado da acumulação de atividades de muitas gerações. Em realidade, a paisagem compreende dois elementos: 1. Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele. 2. Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano tanto no passado, como no presente.¹⁰⁰

⁹⁹ *Território e sociedade*: entrevista com Milton Santos.

¹⁰⁰ SANTOS. *Pensando o espaço do homem*, p. 53-54.

Lagos, encostas, planícies, pontes, edifícios: formas às quais atribuímos funções diversas e que nos assomam aos olhos quando contemplamos algum ponto do espaço.

Mais uma vez, Milton Santos esclarece:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.¹⁰¹

Para que possamos ver, entretanto, a paisagem como algo aparentemente *fora de nós*, vemos com os nossos olhos, feitos da nossa história e da nossa subjetividade que, por sua vez, estão inseridas no mundo das histórias e das subjetividades coletivas. A paisagem está *fora* e, simultaneamente, *dentro de nós* (imagens históricas, interiores), tais como as percebemos pelos sentidos. Fernando Pessoa¹⁰² complementa:

Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos dentro de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção. Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E – mesmo que não se queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem – pode-se ao menos admitir que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes. Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo – num dia de sol

¹⁰¹ SANTOS. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*, p. 61.

¹⁰² Esses apontamentos sobre a paisagem, embora não tenham sido assinados, foram atribuídos a Fernando Pessoa, e publicados pela primeira vez na primeira edição da *Obra Poética de Fernando Pessoa*.

uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva – e, também a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma – é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim.¹⁰³

A paisagem não é um dado físico, objetivo, *fora do sujeito*. Domínio do visível, existe como resultado de um olhar, de uma sensação. O visível, por sua vez, não é apenas o exercício de um único sentido, a visão, mas de uma constelação de sentidos. Trata-se de um quadro dinâmico que se constrói a partir do olhar (inclusive interior) de um sujeito sobre um ponto qualquer do espaço num determinado momento. Olhar necessariamente atravessado pelo seu estado de alma, seus valores culturais, seus modos de vida e a diversidade de sensações que o conjunto de objetos contemplados é capaz de evocar na interação do sujeito com todas essas variáveis. Nesse quadro dinâmico, cujas molduras são “conhecidas” apenas pelo observador, tudo pode ser cambiante, de acordo também com as condições de luz ou com os fenômenos meteorológicos, os odores, os ruídos, as emoções, que podem ser estéticas, mnemônicas, culturais. A paisagem é a constelação de sensações visuais, olfativas, gustativas, auditivas, táteis, “enquadradas” pelo *olhar* de um sujeito sobre um conjunto de objetos e seus fluxos num determinado momento.

O conjunto de objetos “enquadrados” pelo olhar é também produzido pelas lógicas sócio-econômicas e políticas de produção espacial do momento, quaisquer que sejam as escalas dos recortes espaciais.

Os *objetos* são criados ao longo do tempo, dispondo-se em superfícies espaciais diversas que se sobrepõem e se atravessam, com seus *fluxos*, evidenciando a coexistência e a convivência de formas e funções mais antigas com as mais recentes:

A paisagem não se cria de uma vez só, mas por acréscimos e substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a

¹⁰³ PESSOA. *O eu profundo e outros eus*: seleção poética.

lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos.¹⁰⁴

O palimpsesto: não apenas a paisagem, mas todo o espaço pode ser lido a partir dessa imagem. Milton Santos complementa:

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transformam para se adaptar às novas necessidades da sociedade.¹⁰⁵

A heterogeneidade do espaço se dá como resultado da ação das diferentes formas de organização, circulação, distribuição e consumo nos diferentes lugares, de acordo com as lógicas de produção, o capital, os sistemas de informação, a tecnologia, de modo geral, disponíveis, e a história específica de cada lugar e suas relações com todos esses elementos. Do arranjo das lógicas dos interesses de produção e reprodução do capital às lógicas próprias de cada *lugar*, se produzem diferentes tipos de territórios no *corpo do território*, já que os lugares acolhem ou refratam em maior ou menor grau as forças de interesse do capital que neles tenta se estabelecer. O *corpo mercantil do mundo* é apenas um dentre os diversos *corpos de mundo*.

Resultado de um *olhar*, representação *daquilo que se vê*, a paisagem é essencialmente imagética, subjetiva, simbólica. O mesmo se pode dizer do *lugar* e do território *usado, habitado*.¹⁰⁶ Espaços afetivamente compartilhados num tempo específico e que despertam sensações de pertencimento, identificação, identidades, vivenciados e revelados nas paisagens e pelas paisagens. Nos lugares se dão os processos de construção das múltiplas identidades individuais e coletivas: criam-se vínculos de

¹⁰⁴ SANTOS. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*, p. 66.

¹⁰⁵ SANTOS. *Pensando o espaço do homem*, p. 54.

¹⁰⁶ SANTOS. O retorno do território.

familiaridade, vizinhança, amizade, amor, e se realizam também conflitos e lutas, projetam-se sonhos e desejos. *Lugar* é o ambiente em que se funda, se constrói e se realiza a vida. Onde se desenvolvem as ações triviais e fundamentais do cotidiano de um sujeito, de um grupo social. Nos lugares, os homens se situam, circunscrevem o seu espaço, produzem territórios, constroem a sua existência. Sobre a aproximação entre os conceitos de *lugar* e *território*, Cássio Hissa nos esclarece:

[...] a corporeidade territorial se faz através de uma rede, de uma malha assimétrica construída historicamente, cuja existência – social, econômica, política, cultural – é produto de conexões assimétricas e desiguais entre lugares. Nesses termos, o conceito de lugar é interiorizado pelo conceito de território.¹⁰⁷

O esgarçamento da película de cobertura estendida pelos fluxos “globais” exhibe a diversidade de lugares presentes especialmente na metrópole. A heterogeneidade do espaço é típica da paisagem urbana. No campo, as formas são aparentemente menos heterogêneas. Não se deseja, com isso, admitir a existência de limites precisos entre cidade e campo. Na contemporaneidade, são ainda mais ampliadas as *fronteiras* entre esses dois mundos. Quer seja no âmbito dos processos socioeconômicos, quer seja no âmbito das próprias marcas transportadas para a paisagem, cidade e campo se atravessam. Entretanto, há superfícies de cobertura suficientemente nítidas, no nível da paisagem, para que se possa refletir sobre o caráter da diversidade das formas que constituem os dois mundos: o do campo, o da cidade. Processos de origem biológica, físico-químicos constituem a diversidade das formas responsáveis pelo desenho da paisagem rural, que mais se identifica com o que nos acostumamos a conceituar como *natureza* e que, na contemporaneidade, demanda tratamentos teóricos mais complexos. Pode-se refletir, por exemplo, sobre as ativas coberturas, muitas vezes invisíveis de caráter urbano que se espalham pelo campo e que à física do olhar restariam ao

¹⁰⁷ HISSA. Território de diálogos possíveis, p. 67.

domínio da *natureza*. O mesmo, invertido, pode ser dito sobre o ambiente na cidade, à física dos olhares desatentos frequentemente esvaziado de *natureza*.

A mais recente camada do palimpsesto espacial é predominantemente *mundial* e *citadina*. “Palco da atividade de todos os capitais e de todos os trabalhos,”¹⁰⁸ a metrópole atrai e acolhe os sujeitos expulsos do campo e das cidades médias, pela modernização da agricultura e dos serviços. A diversidade socioespacial produzida por esses fluxos no contato com os já presentes evidencia a diversidade de lugares e territórios que se produzem em todo o tecido urbano que constitui a metrópole.

Para Milton Santos, há *lugares globais simples* e *lugares globais complexos*.¹⁰⁹ Os primeiros acolhem parte dos vetores das forças hegemônicas globais sem oferecer resistência, enquanto os segundos, que coincidiriam com as metrópoles, representam simultaneamente forças acolhedoras e refratárias às lógicas unívocas de pensamento, economia e comportamento que se impõem como hegemônicas.

Nesses termos, a metrópole assume, com seus múltiplos lugares, com sua diversidade cultural, a condição de “o mais significativo dos lugares,”¹¹⁰ já que produz em seu corpo lugares e territórios dos mais diversificados tipos e temporalidades: condições de realização do *espaço banal*, espaço de todos os *objetos* e de todas as *ações*, em que “todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização social podem aí se instalar, conviver, prosperar.”¹¹¹

Na metrópole, são mais numerosos os *pobres, homens lentos*,¹¹² sujeitos a quem certa mobilidade mercantil foi negada, levados por isso mesmo a transcriar o seu cotidiano, fabricando territórios alternativos de economia e de vida, cujos “parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização

¹⁰⁸ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 323.

¹⁰⁹ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*.

¹¹⁰ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 322.

¹¹¹ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 322.

¹¹² SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 325.

com base na contigüidade.”¹¹³ Diferentes tipos de *territórios* se confrontam diariamente na metrópole, muitos deles munidos de lógicas, racionalidades, tempos e ritmos que se apresentam bem distintos de um tempo, um ritmo e um pensamento unívocos, impostos por uma racionalidade “global”. Ainda que essa racionalidade esteja em toda parte, produto da relação dialética entre o lugar e o mundo.

O conceito de *território* remete ao de espaço habitado, *corpo de mundo* que abriga diversos outros *corpos de mundo*, territórios dentro do território, espaços de poder, domínio, *fronteira*. Seja do Estado, de capitais ou de sujeitos e grupos sociais reunidos sob os mesmos desígnios:

O território hoje pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalizações diferentes, quiçá divergentes ou opostas.¹¹⁴

O *território* pode assumir a dimensão do conceito de *espaço*. Toda vida social se projeta e se realiza no *território*, espaço em que se criam diferentes organizações de poder, laços diversos de afetividade, pertencimento, identidades, construídos pelos sujeitos através de *objetos* e *ações* permanentemente em transição, tal como evidencia a dinâmica de significações incorporadas pelo conceito no minucioso estudo de Maria Teresa F. Ribeiro:

Sob a influência do conjunto das ciências sociais, o território passa da situação de uma descrição de uma malha espacial (no sentido jurídico-administrativo) para o estatuto de conceito que busca dar conta da complexidade da realidade e das construções sócio-econômicas inseridas em um espaço físico. O conceito de território remete tanto aos aspectos formais (distribuição no espaço de materiais naturais e construídos, divisões administrativas, políticas e jurídicas), bem como os aspectos ligados aos sentidos dessas formas (as ideologias espaciais,

¹¹³ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 339.

¹¹⁴ SANTOS. *O retorno do território*, p. 139.

representações e sistemas de valores), como lembra Benko (2007). O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. [...] O território é um lugar compartilhado no cotidiano, criador de raízes e laços de pertencimento e símbolos. É através do conhecimento desses símbolos que podemos restituir toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares e aos territórios de vida. Numa perspectiva crítica, o território é visto como um campo de forças, um teia, uma rede de relações sociais que, apesar de sua complexidade interna, define ao mesmo tempo um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” e os “outros.” Territórios são relações sociais projetadas no espaço, uma rede de relações sociais e produtivas capazes de produzir singularidades (SOUZA, 1995).¹¹⁵

O papel do *território usado*, que se reafirma no *lugar*, pelo *cotidiano do lugar*, para Milton Santos, é determinante nos processos de transformação social, capazes de apontar caminhos para uma *outra globalização*:

Mesmo nos lugares onde os vetores da mundialização são mais operantes e eficazes, o território habitado cria novas sinergias e acaba por impor ao mundo uma revanche. Seu papel ativo faz-nos pensar no início da História, ainda que nada seja como antes. Daí essa metáfora do retorno.¹¹⁶

Assim, o papel do território dos *homens lentos* ou dos homens do Sul ou, ainda, o papel dos *sertões do mundo* assume uma dimensão fundamental na reflexão sobre os processos contemporâneos associados às possibilidades de transformação social. *Sertões, mundos do sul, mundo dos homens lentos*, esses *mundos*, no confronto com o *corpo mercantil de mundo*, do qual também fazem parte, mostram-se frequentemente, entretanto, capazes, na diversidade e na adversidade, de produzir novas possibilidades de utilização do território ou manter algumas tradicionais adaptadas ou não. Esses *mundos* criam, portanto, férteis *territórios de utopias*:

¹¹⁵ RIBEIRO; MILANI. *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea*: o território como categoria de diálogo interdisciplinar, p. 26.

¹¹⁶ SANTOS. O retorno do território, p. 137.

Por serem diferentes, os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes. É assim que eles reavaliam a tecnosfera e a psicofera, encontrando novos usos e finalidades para objetos e técnicas e também novas articulações práticas e novas normas, na vida social e afetiva. Diante das redes técnicas e informacionais, pobres e migrantes são passivos, como todas as demais pessoas. É na esfera comunicacional que eles, diferentemente das demais classes ditas superiores, são fortemente ativos. Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar.¹¹⁷

O *lugar* produz, junto à busca de sobrevivência, um “[...] pragmatismo mesclado à emoção.”¹¹⁸ O *lugar* “[...] não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite ao mesmo tempo, a reavaliação de heranças e a indagação sobre o presente e o futuro.”¹¹⁹ É desse modo que o *lugar* pode criar territórios de cidadania e de resistência que funcionam como limites às perversidades socioambientais da chamada globalização, substituindo, como observa Milton Santos,¹²⁰ o pensamento único pela consciência universal. Para que isso se realize, o geógrafo observa que basta que se completem duas mutações, para ele, já em gestação neste nosso tempo: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana. Essa última torna-se o grande desafio, a condição essencial para que um novo mundo, construído de uma nova grafia espacial, feita de consciência, cidadania e solidariedade, não se constitua apenas de uma contínua esperança.

¹¹⁷ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 326.

¹¹⁸ SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, p. 114.

¹¹⁹ SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, p. 114.

¹²⁰ SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*.

UMA COSMOLOGIA DO SERTÃO

O lugar-*sertão* em Rosa

Esta *cosmologia* começa a se organizar em torno das imagens do *sertão* no romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, publicado em 1956. Imagens, dentre tantas outras, de tantos outros sistemas semióticos (*artes verbais*, artes visuais, cinema) motivadoras da pesquisa de um conceito de *sertão* e especialmente da proposta de sua ampliação. Fascinado pelo universo do *sertão*, pelo sertanejo e por sua cultura, com os quais manteve contato durante o tempo em que atuou como médico no interior mineiro e durante as suas viagens com sertanejos, como Manuelzão, por exemplo, Guimarães Rosa desenha um esboço metafórico, uma cartografia volátil do *sertão*, em *Grande sertão: veredas*. No romance, as marcas espaço-temporais são vagas, delicadas, imprecisas. O autor parece ter procedido intencionalmente a uma camuflagem do tempo-espaço, numa espécie de jogo narrativo cuja regra básica é a invenção fundada na mistura de lugares, situações, linguagens e personagens históricos¹²¹ e ficcionais. Uma narrativa que, conforme já nos adverte o narrador, “[...] é como jogo de baralho, verte, reverte [...]”¹²² apontando, não apenas para o ir e vir casual da memória do narrador (que não relata linearmente os fatos), mas para a imprecisão, a indeterminação, a ambiguidade, a polissemia, a complexidade e a impossibilidade de localização e definição exatas da matéria essencial de seu relato, “matéria vertente,” o *sertão*, um grande *sertão*. Assim como Riobaldo, personagem narrador do romance, que muito aprecia uma história cuja continuação é inventada, – já que “no real da vida, as coisas acabam com menos formato”¹²³ – Guimarães Rosa

¹²¹ Manoel Tavares de Sá, Francisco Leobas de França Antunes, João Brandão, Antônio Dó, Horácio de Matos e Rotílio da Manduca, segundo Wille Bolle (*grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*, p. 105-106).

¹²² ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 82.

¹²³ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 70.

recria o sertão a partir da mistura de uma geografia, uma história e uma língua “reais” e ficcionais.

É claro que é possível dizer que a história relatada por Riobaldo se passa aproximadamente entre o fim do século dezenove e o início do século vinte, já que o seu relato retrata o apogeu e a decadência da jagunçagem. Também é possível afirmar que o espaço abordado no romance abrange os estados de Minas Gerais (eixo centro-norte), Goiás e Bahia. Há algumas marcas desse tempo-espaço no texto. Muitos autores fizeram cuidadosos estudos desse espaço,¹²⁴ inclusive representando-o através de mapas. Entretanto, neste trabalho, defende-se a ideia de que a “camuflagem” do tempo-espaço,¹²⁵ realizada por Guimarães Rosa, através do personagem-protagonista Riobaldo, é mais uma estratégia do romancista para traduzir a ideia, presente em todo o texto, de que o sertão não é passível de mapeamento, de localização exata, precisa. Sua complexa natureza não pode ser apreendida por cartografias convencionais.

Já na página de abertura do romance, surge a ideia da controversa localização do *sertão*:

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo,

¹²⁴ VIGGIANO. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*; BOLLE. *grandesertão.br*: o romance de formação do Brasil.

¹²⁵ Riobaldo não faz referências à cronologia de suas deambulações a não ser a partir de pequenas indicações, às vezes vagas, como, por exemplo, ao se referir à certidão de nascimento do personagem Diadorim, quando diz que consta do documento “[...] um 11 de setembro da era de 1800 e tantos...” (ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 535). Encontra um velho que falava “[...] no tempo do Bom imperador.” (ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 458). Entretanto, era homem “[...] no sistema de quase-doido [...]” (ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 458). Refere-se à construção de uma estrada de ferro que passaria no Currealinho, atual Corinto, “[...] em breves tempos [...]” (ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 106). Waldemar Barbosa (*Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*) nos informa que a Estrada de Ferro Central do Brasil foi inaugurada em Corinto em 20 de março de 1906. Em dois momentos, Riobaldo se refere mais claramente ao fim do século XIX, quando relata a tomada de todos os portos de Januária e Carinhanha “[...] nas eras do ano de 79” (ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 94), chefiada pelo Neco, Manoel Tavares de Sá, figura histórica que atacou essas cidades em 1879 (BOLLE. *grandesertão.br*: o romance de formação do Brasil, p. 105); e quando menciona o ataque à cidade de São Francisco “nas eras de 96 [...]” (ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 143) chefiado por Andalécio e Antônio Dó. Esse último também personagem histórico, segundo Wili Bolle (*grandesertão.br*: o romance de formação do Brasil, p. 106).

terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos, onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador, e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucuia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes, culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até virgens dessas lá ainda há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte.¹²⁶

Lugar sertão se divulga: se publica, se difunde, se propaga, “se percebe, se vê, se sabe, se compreende.”¹²⁷ Sertão é o lugar nominado como sertão, o que se vê, se percebe, se compreende como sertão. Lugar que se propaga, se difunde, se diz *sertão*. Trata-se, portanto, de um espaço fundamentalmente subjetivo e movente, migrante, mutante, *grafável* e *rasurável* e, por isso, de difícil apreensão. Presente no trecho citado está também a ideia de sertão como espaço interminável, deserto, no sentido de pouco habitado, e sem lei institucionalizada pelo Estado. Lugar para onde fogem os fora-da-lei, os degredados da sociedade. E, ainda, duas imagens recorrentes no romance. A de um sertão transmutado pelo tempo, conforme se pode perceber pela transformação da paisagem: as margens do rio Urucuia passam a exibir grandes fazendas que se ocupam da agropecuária: “almargem” (pastagem, conforme Nilce Sant’Anna Martins¹²⁸ e “culturas”. E a imagem do *gerais* que “corre em volta”, percorrendo todo o texto. Essa última, a despeito de nomear usualmente um tipo de vegetação, presente especialmente em Minas, apresenta-se sob o signo da incógnita, assumindo várias paisagens, lugares, territórios e significações, confundindo-se com a própria imagem do sertão. Aparece de modo genérico, como sinônimo de todo o espaço físico denominado sertão: “Medeiro

¹²⁶ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 61.

¹²⁷ Acepções pesquisadas por Nilce Sant’Anna Martins (*O léxico de Guimarães Rosa*, p. 172) ao estudar a linguagem e o vocabulário do romance *Grande sertão: veredas*.

¹²⁸ MARTINS. *O léxico de Guimarães Rosa*, p. 23.

Vaz, antes de sair pelos Gerais com mão de justiça, botou fogo em sua casa [...].”¹²⁹ De modo específico, como parte do todo nominado como sertão: “Joaquim Beiju, rastreador, de todos esses sertões dos Gerais sabente [...].”¹³⁰ Como paisagem/lugar comum a determinados estados: “Como contam também que nos Gerais goianos se salga o de comer com suor de cavalo...”¹³¹. Como espaço de paisagem desértica, tanto no sentido de lugar desabitado, quanto árido, e que revela a pobreza:

Por certo, que, para a jagunçagem, os Gerais mal serviam. A pobreza daquelas terras, só pobreza, a sina tristezinha do pouco povo. Aonde o povo no rareado, pelo que faltava de água naquelas chapadas; e a brabeza do gado, que caminhava em triste achar.¹³²

Paisagem marcada por rios, água em abundância: “[...] eu era Riobaldo, com meus homens, trazendo glória e justiça em território dos Gerais de todos esses grandes rios que do poente para o nascente vão, desde que o mundo mundo é, enquanto Deus dura!”¹³³ Águas subterrâneas: “O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme sobre um rio?”¹³⁴ Águas de chuva: “[...] eles sabem como o Gerais é espaçoso; como no Gerais tem disso: que, passando noite tão serena, desse de manhã o desabe de repente daquela chuva...”¹³⁵ Paisagem de belezas: “Esses Gerais em serras planas, beleza por ser tudo tão grande, repondo a gente pequenino.”¹³⁶ Gerais é também paisagem em que se depara com aquilo que é feio. No Gerais, tudo cabe: “E

¹²⁹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 120.

¹³⁰ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 279.

¹³¹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 438.

¹³² ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 410-411.

¹³³ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 389.

¹³⁴ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 255.

¹³⁵ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 496.

¹³⁶ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 276.

por fim viemos esbarrar num lugar feio, como feio não se vê. – Tudo é Gerais... – eu pensei, por consolo.”¹³⁷

Francis Utéza assim resume a potencialidade assumida pela imagem dos Gerais no romance:

Sublinhado por itálicos no texto e determinado por um surpreendente singular, “o” *Gerais*, terra do Urucuia, erige-se em arquétipo, o que confirma o plural, conforme à norma gramatical, que lhe segue imediatamente: sem tamanho. Incomensurável, esse espaço contém tudo – *gerais*. Fora e dentro, margem esquerda e margem direita, singular e plural, montanha e vale, fértil e deserto, vazio e cheio, o *sertão-gerais* nada mais tem a ver com a geografia de Minas.¹³⁸

O romance *Grande Sertão: veredas* é construído na forma de relato, pelo personagem Riobaldo já velho, ex-jagunço, e respeitável fazendeiro, a alguém a quem ele se refere, a todo o tempo, como “senhor,” um “homem instruído, que teria vindo da cidade e tem carta de doutor,” nas palavras do personagem. Esse senhor, espécie de alter ego de Guimarães Rosa, – e que pode ser também qualquer um de nós, leitores do romance – interessado em conhecer o cotidiano do sertão vivido por um ex-chefe jagunço, recolhe o depoimento de Riobaldo, numa espécie de entrevista. Ele anota, em sua caderneta,¹³⁹ as longas e intensas deambulações e vivências de Riobaldo: da juventude à maturidade, entre o fim do Império e o início do período republicano no Brasil, no universo denominado pelo ex-jagunço *grande sertão*. Como se trata de uma história em que se relata um longo período, o narrador nos chama a atenção, a todo o tempo, para as transformações sofridas pelo sertão percorrido por ele:

¹³⁷ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 352.

¹³⁸ UTÉZA. *Metafísica do grande sertão*, p. 66.

¹³⁹ Em suas viagens pelos sertões, no contato com sertanejos, à maneira do “senhor”, interlocutor do sertanejo Riobaldo, Guimarães Rosa anotava, em suas cadernetas, a linguagem, os costumes, as paisagens, enfim tudo que o lhe despertava interesse na cultura sertaneja. Eram “[...] causos, cantigas, estórias, nomes de pássaros, rios, vegetação”, conforme nos conta Manuelzão, “Seu” Manuel Nardy, vaqueiro e contador de histórias, entrevistado por Marli Fantini (*Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 25), que fez uma viagem de condução de boiada com Guimarães Rosa em 1952.

Mas o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora – digo por mim – o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim, muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola. Mesmo que os vaqueiros duvidam de vir no comércio vestidos de roupa inteira de couro, acham que traje de gibão é feio e capiau. E até o gado grameal vai minguando menos bravo, mais educado: casteado de zebu, desvém com o resto de curraleiro e de crioulo. Sempre, no gerais, é à pobreza, à tristeza. Uma tristeza que até alegre. Mas, então, para uma safra razoável de bizarrices, reconselho de o senhor entestar viagem mais dilatada. Não fosse por meu despoder, por azias e reumatismo, aí eu ia. Eu guiava o senhor até tudo.¹⁴⁰

E Riobaldo nos guia a “Viajar! – mas de outras maneiras: transportar o sim desses horizontes [...],”¹⁴¹ através de suas palavras, de seu relato, conduzindo-nos à travessia, sempre rumo ao Norte,¹⁴² do imenso “mar de territórios” de seus sertões. Territórios repletos de paisagens e lugares a cujas rasuras ele, um dos raros remanescentes da cultura dos sertões da jagunçagem à época da enunciação da narrativa, ex-chefe jagunço, assiste e nos apresenta. Sertões da “política trabuco,”¹⁴³ dos violentos e sangrentos combates entre grupos de jagunços rivais, a serviço da disputa entre grandes proprietários de terra, “homens dos sertões transatos,”¹⁴⁴ ou seja, pretéritos, e entre jagunços, representantes desses proprietários rurais, e o exército republicano. Esse último movido pelo ideal positivista de ordem e progresso, portador do desejo de modernizar o sertão, ou seja, retirá-lo da “barbárie”, “do arcaísmo”, povoando-o, urbanizando-o.

¹⁴⁰ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 17.

¹⁴¹ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 344.

¹⁴² Outra imagem da imprecisão do sertão, bastante recorrente no texto. Para o norte/noroeste avançou o processo de urbanização brasileira, no século XIX, rasurando muitos espaços compreendidos como sertões à época.

¹⁴³ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 94.

¹⁴⁴ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 403.

Amante e representante da cultura dos sertões transatos – eivada de histórias da tradição oral, superstições, mitos e também de “guerras”, palavra utilizada pelos jagunços para se referir aos seus combates – Riobaldo presencia suas transformações, suas rasuras, desconfiado do ideal de progresso veiculado pelos projetos de modernização:

Seo Assis Wababa oxente se prazia, aquela noite, com o que o Vupes noticiava: que em breves tempos os trilhos do trem-de-ferro se armavam de chegar até lá, o Currálinho então se destinava ser lugar comercial de todo valor. Seu Assis Wababa engordava concordando, trouxe canjirão de vinho. Me alembro: eu entrei no que imaginei – na iluzãozinha de que para mim também estava tudo assim resolvido, o progresso moderno: e que me representava ali rico, estabelecido. Mesmo vi como seria bom se fosse verdade.¹⁴⁵

Ao tempo da enunciação da história, o narrador sabe da existência das ruínas de arraiais, como o Paredão, em que travou seu último combate. Sabe também que os lugares se transformaram e tiveram seus nomes alterados, “perderam o ser”, como já havia presenciado no tempo em que fazia suas deambulações como jagunço pelos Currais-do-Padre, “[...] lugar que não tinha curral nenhum, nem padre: só o buritizal, com um morador.”¹⁴⁶ Constata, ainda, a alteração dos nomes dos lugares próximos às fontes do rio Verde, “que verte no Paracatu”:

Perto de lá tem vila grande – que se chamou Alegres – o senhor vá ver. Hoje, mudou de nome, mudaram. Todos os nomes eles vão alterando. É em senhas. São Romão todo mundo não se chamou de primeiro Vila Risonha? O Cedro e o Bagre não perderam o ser? O Tabuleiro-Grande? – Como é que podem remover uns nomes assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado.”¹⁴⁷

¹⁴⁵ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 105-106.

¹⁴⁶ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 333.

¹⁴⁷ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 32.

Conclui que o mundo quer ficar sem sertão, quando se lembra de um lugar que não existe mais, como a Guararavacá do Guaicuí¹⁴⁸ que se transformou em Caixeirópolis. Entretanto, a despeito da “[...] boa estrada rodageira, de Pirapora a Paracatu, por aí...”,¹⁴⁹ que o Governo mandava abrir à época em que Riobaldo contava a sua história, da presença dos trilhos do trem, dos “bandos bons de valentões que repartiram seu fim”,¹⁵⁰ dos costumes que “demudaram”, da presença da cidade que “[...] acaba com o sertão [...] Acaba?”¹⁵¹ muitos lugares permaneciam quase intactos, indiferentes ao ideal progressista republicano:

Lá era, como ainda hoje é, mata alta. Mas, por entre as árvores, se podia ver um carro-de-bois parado, os bois mastigavam com escassa baba indicando vinda de grandes distâncias. Daí, o senhor veja: tanto trabalho, ainda, por causa de uns metros de água mansinha, só por falta duma ponte. Ao que, mais, no carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve. Até hoje é assim, por borco.”¹⁵²

Indiferente a homens republicanos que tencionavam tirar o sertão das “estrebrias”, “[...] botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreado mil escolas”,¹⁵³ como Zé Bebelo, por exemplo; alheio às políticas de ocupação territorial republicanas, que deram início ao processo de

¹⁴⁸ Segundo Heloisa Starling, “A rigor são múltiplas as referências que entrelaçam Barra do Guaicuí à narrativa de *Grande Sertão*: veredas. De pronto, por sua localização geográfica e pelo papel econômico que desempenhou na margem direita do São Francisco, este vilarejo parece erguer-se sobre as ruínas da Guararavacá do Guaicuí, o lugar mítico onde Riobaldo aprendeu que o privado não é só privatidade e também comporta uma dimensão única de felicidade. Além disso, da mesma maneira como a Guararavacá desapareceu, devastada por febres e enchentes, Barra do Guaicuí cedeu vez à Pirapora, em virtude de sua fama de lugar insalubre, assolado pela maleita, cercado de alagadiços e sujeito a inundações. Nesse caso, o entrecruzamento com a ficção parece indicar a existência do duplo espetáculo de ruínas, antigas e, de agora, míticas e históricas, resíduo de lembrança.” (STARLING. *Lembranças do Brasil*: teoria política, história e ficção em *Grande Sertão*: veredas, p. 30).

¹⁴⁹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 18.

¹⁵⁰ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 17.

¹⁵¹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 144.

¹⁵² ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 85.

¹⁵³ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 111.

urbanização do País, no século XIX, o sertão, compreendido como espaço pouco assistido pelos governos, permaneceu e permanece, vez ou outra migrando, mudando de lugar, como bem sabia o criador de Riobaldo: “[...] o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê; é que nem braços de balança, para enormes efeitos de leves pesos... Rodeando por terras tão longes.”¹⁵⁴ Sertão é espaço migrante, grafável e rasurável, polissêmico, que se propaga por toda parte e, por isso, refratário a cartografias convencionais e a definições, conceituações precisas:

Sertão velho de idades. Porque – serra pede serra e – dessas, altas, é que o senhor vê bem: como é que o sertão vem e volta. Não adianta se dar as costas. Ele beira aqui, e vai beirar outros lugares, tão distantes. Rumor dele se escuta. Sertão sendo do sol e os pássaros: urubu, gavião – sempre que voam, às imensidões por sobre... Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe.¹⁵⁵

Mbaiá é o nome que se dá à “arte, artimanha” do disfarce, da camuflagem de “guerra” dos jagunços. É assim que Guimarães Rosa nos vai divulgando o sertão: embaiado, no relato de seu personagem Riobaldo, sertanejo, ex-jagunço, ex-chefe jagunço e, ao final da vida, fazendeiro. A estratégia bélica da camuflagem, ao contrário de seu uso habitual na guerra, é aplicada no texto com relação às marcas espaço-temporais, no exercício de nos fazer conhecer o sertão, em vez de “fazê-lo muito escapar de nosso ver e mirar.” Espaço complexo, repleto de ambiguidades e paradoxos, é de forma ambígua e paradoxal que se lida com ele, como ambígua é a vida, conforme nos ensina o sertanejo Riobaldo: “só aos poucos é que o escuro é claro”;¹⁵⁶ “A gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde.”¹⁵⁷ É o sertanejo, que admira “a quanta

¹⁵⁴ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 456.

¹⁵⁵ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 479.

¹⁵⁶ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 165.

¹⁵⁷ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 296.

coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe,”¹⁵⁸ que fala do sertão ao homem “culto e instruído” da cidade, que, em sua caderneta, anota as palavras do jagunço: “o sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece dentro da gente...”¹⁵⁹

É por conhecer o caráter instável, escorregadio, “[...] grande ocultado demais...”¹⁶⁰ do sertão, por entender que “sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra [...]”, e que “de repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem,”¹⁶¹ conhecimento adquirido sobretudo no contato com sertanejos, que Guimarães Rosa opta por apresentá-lo “embaiado” através da narrativa de Riobaldo. Para o professor Willi Bolle:

O trabalho de campo nos leva[...] a verificar empiricamente quais são os principais procedimentos de uso ficcional da geografia por parte do romancista: as técnicas de fragmentação, desmontagem, deslocamento, condensação e remontagem. O narrador retira pedaços do sertão real e os recompõe livremente – de maneira análoga aos mapas mentais, que nascem da memória afetiva, de lembranças encobridoras, de pedaços de sonhos e fantasias, medos e desejos.¹⁶²

Assim como durante as deambulações de combate, caminha dentro dos riachos ou pisa nas pedras ou, ainda, apaga, com ramos, as marcas do caminho, Riobaldo, em sua narrativa dirigida ao senhor citadino, não deixa nítidas as pegadas do seu trajeto, numa evidência de que, quando a “matéria vertente” é o sertão, pouco importa o caminho, já que não há mapa a seguir: “a de entre, entramos, pela esquerda e rumo do

¹⁵⁸ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 70.

¹⁵⁹ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 461.

¹⁶⁰ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 446.

¹⁶¹ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 335.

¹⁶² BOLLE. *Grandesertãoobr: o romance de formação do Brasil*, p. 71.

norte. Desde o depois, o do poente mesmo. Com foras e auroras, estávamos outra vez no público do campo.”¹⁶³

Rumo ao noroeste, para onde costumam migrar os sertões, como se fugissem do processo de urbanização iniciado no sudeste, seguem Riobaldo e seu bando de jagunços, dobrando léguas e léguas:

[...] em nossos cavalos tão bons, dobramos nove léguas. As nove. Com mais dez, até a Lagoa do Amargoso. E sete, para chegar numa cachoeira Gorutuba. E dez, arranchando entre Quem-Quem e Solidão; e muitas idas marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo. Mas saímos, saímos. Subimos. Ao quando um belo dia, a gente parava em macias terras, agradáveis. As muitas águas.¹⁶⁴

Espaço paradoxal, onde os opostos não se excluem, mas se contrastam se justapõem, se misturam e se complementam, sertão é o árido e o úmido, o estéril e o fértil, o pobre e o rico, o vazio e o pleno, o distante e o próximo, o fim e o começo, a parte e o todo, a sombra e a luz, o interior e o litoral, a superfície e o subterrâneo. Deserto e vereda: “[...] é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.”¹⁶⁵

Lugar de avarezas d’água, chuvas esquecidas, “estralal do sol”¹⁶⁶ “[...] chão [...] gretoso e escabro, [...] entranço de vice-versa, com espinhos e restolho de graviá, de áspera raça [...],¹⁶⁷ “[...] pesadelo mesmo de delíros”,¹⁶⁸ sertão é também lugar “muito deleitável”, de “[...] claráguas, fontes, sombreado e sol”, onde “[...] de decomer não

¹⁶³ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 325.

¹⁶⁴ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 250.

¹⁶⁵ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 134.

¹⁶⁶ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 42.

¹⁶⁷ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 39.

¹⁶⁸ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 40.

faltava.”¹⁶⁹ Lugar de veredas, “[...] com seus buritis altos e a água ida lambida, donzela de branca, sem um celamim de barro. Diz-se que lá se pesca, e gordas piabas.”¹⁷⁰

Riobaldo é um sertanejo marcado por vários dilemas, como, por exemplo, ser ou não ser pactuário, amar ou não amar outro homem (que se revela mulher só depois de morto), matar e não matar, ser jagunço ou fazendeiro. É o lugar em que ele vive, o sertão, que lhe ensina que as coisas são relativas, dialéticas, que o “[...] mundo é muito misturado...”¹⁷¹ Sabedoria que ele vai nos mostrando ao longo de sua narrativa: “o senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos!”¹⁷² Sabedoria que advém da experiência do olhar, da vivência do lugar:

Melhor, se arrepare: pois num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-doce pode de repente virar azangada – motivos não sei; às vezes se diz porque é replantada no terreno sempre, com muitas mudas seguidas, de manaíbas – vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal.¹⁷³

Preencher com relevos de significações a *palavra-lugar-sertão-mundo* é refletir sobre aquilo que é feito da mistura, da ambiguidade, do paradoxo. Não há dicotomias: centro e circunferência convergem num mesmo ponto. Aos poucos, na narrativa de Riobaldo, o escuro torna-se claro e, então, podem-se ver, no entrançado de ramos e moitas, os sertanejos, guerreiros *mbaiás*; no Reinaldo, Diadorim, a Maria Deodorina, e em Deus e o Diabo faces de uma só moeda: “[...] homem humano.”¹⁷⁴ O mesmo lugar

¹⁶⁹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 19.

¹⁷⁰ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 483.

¹⁷¹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 192.

¹⁷² ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 5.

¹⁷³ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 4.

¹⁷⁴ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 538.

visto duas vezes, o Liso do Suçuarão, revela-se, num primeiro momento, “[...] o raso, pior havente, [...] um escampo dos infernos [...] onde se forma calor de morte [...]”¹⁷⁵ Um lugar em que a paisagem só revela o deserto, o ermo, o extremo, o estéril, onde a ausência de excrementos denuncia a impossibilidade da vida: vazio, chão desvestido, homogêneo, em que “não se tem onde acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve.”¹⁷⁶ Lugar sem água e sem vegetação, em que a excessiva luz assassina, e o céu, “[...] sem o simples de passarinhos faltantes,”¹⁷⁷ tonteia. Síntese do deserto, na primeira tentativa de travessia, que se revela frustrada, o Liso do Suçuarão se mostra, posteriormente, como síntese do *sertão*, com sua multiplicidade de lugares, paisagens, territórios e significações paradoxais. O que se mostrou, num primeiro momento, como apenas o *escasso*, o *estéril*, o *vazio*, passa a ser, simultaneamente, o *escasso* e o *farto*, o *estéril* e o *fértil*, o *vazio* e o *cheio*.

Na primeira tentativa de travessia, os jagunços sobreviventes só não acabaram “[...] sumidos dextraviados, por meio do regular das estrelas.”¹⁷⁸ Na paisagem monocrômica, homogênea e indiferenciada do deserto, labirinto aberto, cujos horizontes dizem inesgotavelmente as mesmas linhas, só é possível guiar-se pelas estrelas. Há que se aprender a linguagem delas. Nessa travessia “[...] nada campiou viável,” “[...] os homens tramavam zuretados de fome [...]”¹⁷⁹ Então retornaram, fustigados pelo poder do lugar:

Digo. A igual, igualmente. As chuvas já estavam esquecidas e o miolo mal do sertão residia ali, era um sol em vazios. A gente progredia dumas poucas braças, e calcava o reafundo do areião –areia que escapulia, sem firmeza, puxando os cascos dos cavalos para trás. Depois, se repraçava um entranço de vice-versa, com espinhos e

¹⁷⁵ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 25.

¹⁷⁶ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 275.

¹⁷⁷ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 39.

¹⁷⁸ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 42.

¹⁷⁹ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 42.

restolho de graviá, de áspera raça, verde-preto cor de cobra. Caminho não se havendo. Daí, trasla um duro chão rosado ou cinzento, gretoso e escabro – no desentender aquilo os cavalos arupanavam. [...] Será que de lá ainda se podia receder? De devagar, vi visagens. Os companheiros se prosseguindo, só prosseguindo, receei de ter um vagado – como tonteira de truaca. [...] Até que no mesmo padrão de lugar, sem mudança nenhuma, nenhuma árvore nem barranco, nem nada, se viu o sol de um lado deslizar, e a noite armar do outro. [...] Onde é que os animais iam poder pastar? [...] Nem menos sinal de sombra. Água não havia. Capim não havia. A deber os cavalos em cocho armado de couro, e dosar a meio, eles esticando o pescoço para pedir, eles olhavam como para seus cascos, mostrando tudo o que cangavam de esforço, e cada restar de bebida carecia de ser poupado. Se ia o pesadelo. Pesadelo mesmo de delírios. Os cavalos gemiam descrença. Já pouco forneciam. E nós estávamos perdidos. Nenhum poço não se achava. Aquela gente toda sapirava de olhos vermelhos, arroxavam as caras. A luz assassinava demais. Já tinha quem beijava os bentinhos, se rezava. De mim, entreguei alma no corpo, debruçado para a sela, numa quebreira. Até minhas testas formaram de chumbo. Valentia vale em todas as horas? [...] O senhor sabe o que é o fregedum vento, sem uma moita, um pé de parede pra ele se retrasar? [...] Dia da gente desexistir é um certo decreto – por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê. Ah, e os poços não se achavam... Alguém já tinha declarado de morto. O Miquim [...] que muito valia em guerreiro, esbarrou e se riu: “Será que não é sorte?” Depois, se sofreu o grito de um, adiante: – “Estou cego!...” Mais aquele, o do pior – caiu total, virado torto; embaraçando os passos das montadas. De repente os cavalos bobejavam. Vi uma roda de caras de homens. Suas caras. Credo como algum – até as orelhas dele estavam cinzentas. E outro: todo empretecido, e sangrava das capelas e papos-dos-olhos.[...] E foi, saímos dali [...]¹⁸⁰

Na segunda tentativa, a travessia se faz, tendo à frente Riobaldo como o chefe Urutu Branco. Persistente, decidido (“Eu não era o do certo: eu era o da sina.”¹⁸¹), ele muda a tática, intuitivamente guiado por um preceito popular:

Pois os próprios antigos não sabiam que um dia virá, quando a gente pode permanecer deitada em rede ou cama, e as enxadas saindo

¹⁸⁰ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 38- 42.

¹⁸¹ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 447.

sozinhas para capinar roça, e as foices, para colherem por si, e o carro indo por sua lei buscar a colheita, e tudo, o que não é homem, é sua, dele obediência? Isso, não pensei – mas meu coração pensava.¹⁸²

Assim, não envia a patrulha de rastreadores do sertão, o Suzarte, o Joaquim Beiju e o Tipote. “[...] esse Tipote sabia meios de descobrir cacimbas d’água e grotas com o bebível, o Suzarte desempenhava um faro de cachorro-mestre, e Joaquim Beiju conhecia cada recanto dos gerais [...]”¹⁸³ E ainda resolve atravessar o liso “[...] sem preparativos nenhuns, nem cargueiros repletos de bom mantimento, nem bois tangidos para carneação, nem bogós de couro-cru derramando de cheios, nem tropa de jegues para carregar água. Para que eu carecia de tantos embaraços?”¹⁸⁴ A audácia de Riobaldo confirma a ideia de que “[...] sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar.”¹⁸⁵ Dessa vez, o Liso do Suçuarão é inteiramente atravessado, revelando surpresas:

O que era, no cujo interior, o Liso do Suçuarão? – era um feio mundo, por si, exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem seus tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não- onde a vista não se achava e se perdia. Com tudo, que tinha de tudo. Os trechos de plano calçado rijo: casco que fere faíscas – cavalo repisa em pedra azul. Depois, o frouxo, palmo de areia de cinza em-sobre pedras. E até barrancos e morretes. A gente estava encostada no sol. Mas, com a sorte nos mandada, o céu ennuveou, o que deu pronto mormaço, e frescos. Tudo de bom socorro, em az. A uns lugares estranhos. Ali tinha carrapato... Que é que chupavam, por miudinho viver? Eh, achamos reses bravas – gado escorraçado fugido, que se acostumaram por lá, ou que de lá não sabiam sair; um gado que assiste por aqueles fins, e que como veados se matava. Mas também dois veados a gente caçou – e tinham achado jeito de estarem gordos... Ali, então, tinha de tudo? Afiguro que tinha. Sempre ouvi zum de abelha. O dar de aranhas, formigas, abelhas do mato que indicavam flores. Todo o tanto de que sede não se penou demais. Porque, solerte

¹⁸² ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 447.

¹⁸³ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 36

¹⁸⁴ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 447.

¹⁸⁵ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 17.

subitamente, pra um mistério do ar, sobrechegamos assim, em paragens. No que o senhor nem ninguém não crê: em paragens com plantas. [...] Mesmo, não era só capim áspero, ou planta peluda como um gambá morto, o cabeça-de-frade pintarroxa, um mandacaru que assustava. Ou o xiquexique espinharol, cobrejando com suas lagartonas, aquilo que, em chuvas, de flor dói em branco. Ou cacto preto, cacto azul, bicho luís-cacheiro. Ah, não. Cavalos iam pisando no quipá, que até rebaixado, esgarço no chão, e começavam as folhagens – que eram urtigão e assa-peixe, e o neves, mas depois a tinta-dos-gentios de flor belazul, que é o anil-trepador, e até essas sertaneja-assim e a maria-zipe, amarelas, pespingue de orvalhosas, e a sinhazinha, muito milindrosa flor, que também guarda muito orvalho pesa tanto: parece que as folhas vão murchar. E erva-curradeira... E a quixabeira que dava quixabas. Digo – se achava água. O que não em apenas água de touceira de gravatá, conservada. Mas em lugar onde foi córrego morto, cacimba d’água, viável, para os cavalos. Então, alegria. E tinha até uns embrejados, onde só faltava o buriti: palmeira alalá – pelas veredas. E buraco-poço, água que dava prazer em se olhar. Devido que, nas beiras – o senhor crê? – se via a coragem de árvores, árvores de mata, indas que pouco altaneiras: simaruba, o anis, canelado-brejo, pau-amarante, o pombo; e gameleira. A gameleira branca! [...] Assim achado, tudo, e o mais, sem sobranço nem desgosto, eu apalpei os cheios.¹⁸⁶

O sertão contém o deserto e muitos outros espaços repletos de diferentes paisagens, lugares, territórios. “O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga.”¹⁸⁷ O deserto, a aridez é apenas uma das múltiplas facetas do sertão. Certamente aquela que ficou mais marcada no imaginário social. Costuma-se associar o sertão, mais comumente, apenas aos espaços áridos e pobres, sobretudo do Nordeste, já que o IBGE subdividiu essa região em quatro áreas, assim designando a área pobre e árida situada ao extremo oeste, respectivamente, das áreas “agreste”, “zona da mata” e “litoral”. A literatura modernista da chamada geração de 1930, da qual fazem parte, por exemplo, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, talvez tenha contribuído para difundir a ideia de sertão apenas como espaço árido,

¹⁸⁶ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 448-450.

¹⁸⁷ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 432.

deserto, já que essa literatura se ocupou sobretudo dos sertões nordestinos. Assim, as noções de *aridez*, *esterilidade*, *deserto*, ausentes na origem da palavra *sertão*, foram sendo, gradualmente, incorporadas, somadas às noções de *interior*, *distante da costa*, sempre presentes nas representações do *sertão*.¹⁸⁸

O *sertão* se estende para muito além do espaço infértil, pobre, árido e áspero do deserto. Lugar onde cabem a pobreza, a miséria e a resistência de homens que sobrevivem “[...] só por paciência de remendar coisas que nem conheciam [...]”,¹⁸⁹ homens “[...] reperdidos sem salvação naquele recanto lontão de mundo, grotiros dum sertão, os catrumanos daquelas brenhas [...]”,¹⁹⁰ “[...] cacundeiros simplórios desse Norte pobre, [...]”¹⁹¹ o sertão apresenta-se, também, como lugar da riqueza e da fartura:

E aí esbarramos parada, para demora, num campo solteiro, em varjaria descoberta, pasto de muito gado. [...] O que, por começo corria destino para a gente, ali, era: bondosos dias. Madrugar vagaroso, vadiado, se escutando o grito a mil do pássaro rexenão – que vinham voando, aquelas chusmas pretas, até brilhantes, amanheciam duma restinga de mato, e passavam, sem necessidade nenhuma, a sobre. E as malocas de bois e vacas que se levantavam das malhadas, de acabar de dormir, suspendendo o corpo sem rumor nenhum, no meio-escuro, como um açúcar se derretendo no campo. [...] Todo dia se comia bom peixe novo, pescado fácil: curimatá ou dourado [...]¹⁹²

No sertão cabe também a cidade: “Urubu? Um lugar, um baiano lugar, com suas ruas e igrejas, antiquíssimo – para morarem famílias de gente. [...] Aqui é Minas; lá já é a Bahia? Estive nessas vilas, altas cidades...”¹⁹³ Urubu é a vila da “canção de

¹⁸⁸ Essas significações serão tratadas no próximo texto.

¹⁸⁹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 341.

¹⁹⁰ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 337.

¹⁹¹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 127.

¹⁹² ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 250.

¹⁹³ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 270.

Siruiz”, uma toada tão antiga quanto a povoação e que atravessa toda a narrativa de Riobaldo, reavivando a sua memória afetiva:

Urubu é vila alta
 mais idosa do sertão
 padroeira, minha vida –
 vim de lá volto mais não.
 Vim de lá, volto mais não?

Corro os dias nesses verdes,
 meu boi macho baetão:
 buriti – água azulada,
 carnaúba – sal do chão

Remanso de rio largo,
 viola da solidão:
 quando vou p’ra dar batalha,
 convido meu coração.¹⁹⁴

Memória dos diversos e extraordinários lugares, paisagens e situações vivenciados por ele, no universo dos seus sertões transatos, do tempo da jagunçagem, e que lhe despertam saudade. Lugares onde se vê “[...] o remôo do vento nas palmas dos buritis todos quando é ameaço de tempestade. Alguém esquece isso? O vento é verde.”¹⁹⁵ Riobaldo é um homem intrinsecamente ligado ao lugar em que vive, o sertão. Um contumaz apreciador de seus múltiplos lugares, territórios, paisagens (de seus antigos costumes, cantigas, superstições, histórias da tradição oral). Entoada por um jagunço chamado Siruiz, do bando de Joca Ramiro, a cantiga ouvida por Riobaldo ainda jovem, antes de se tornar jagunço, desperta-lhe forte emoção, relacionada à admiração do modo de vida dos jagunços, passando a desempenhar um significado especial em sua vida:

¹⁹⁴ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 101.

¹⁹⁵ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 253.

O que guardo no giro da memória é aquela madrugada dobrada inteira: os cavaleiros no sombrio amontoados, feito bichos e árvores, o refimfim do orvalho, a estrela-d'alva, os grilinhos do campo, o pisar dos cavalos e a canção de Siruiz.¹⁹⁶

Recordar a cantiga (a partir da qual passou a fazer versos), ainda durante as suas deambulações, significava para Riobaldo reviver as díspares sensações que o denso e também díspar universo sertanejo é capaz de despertar em quem o vivencia: o medo e a coragem, o amor e o ódio, a delicadeza e a rispidez, a ternura e a vingança, a fantasia e a “realidade”, a vida e a morte. Um sertão em que “[...] morrer em combate é coisa trivial [...],”¹⁹⁷ pois o sertão “[...] é o penal, criminal [...],”¹⁹⁸ “O grande sertão é a forte arma.”¹⁹⁹ Sertão de tocaia e de violência, em que homem rasteja feito bicho, por entre as moitas, “o punhal atravessado na boca,”²⁰⁰ o peito roçando espinhos, “[...] e vem pular nas costas da gente, relampeando faca.”²⁰¹ Sertão que exige cautela, pois

Qualquer barulho sem tento, que se faz, verte perigo. Pássaro pousado em moita, que se assusta forte a vôo, dá aviso ao inimigo. Pior são os que têm ninho feito, às vezes esvoaçam aos gritos, no mesmo lugar – dão muito aviso. Aí quando é tempo de vaga-lume, esses são mil demais, sobre toda a parte: a gente mal chega, eles vão se esparramando de acender, na grama em redor é uma esteira de luz de fogo verde que tudo alastra – é o pior aviso.²⁰²

Sertão de feios lugares: “[...] fomos para a baixa dos Umbuzeiros, lugar feio, com os gravatás poeirentos e uns levantados de pedra. Partindo desse vau, a gente pega uma chapadinha – a Chapada-da-Seriema-Correndo.”²⁰³ E também sertão de bonitos

¹⁹⁶ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 103.

¹⁹⁷ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 241.

¹⁹⁸ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 92.

¹⁹⁹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 300.

²⁰⁰ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 178.

²⁰¹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 173.

²⁰² ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 178.

²⁰³ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 218.

lugares, e onde não há perigo ao redor: “Mas tem horas em que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão. Ali era bonito, sim senhor. Não tinha perigos em vista [...]”²⁰⁴

Sertão de encruzilhadas e escuridão de noites sem estrela, “talentos de lua escondida,”²⁰⁵ “o surro dos ramos”²⁰⁶ que suscitam a imaginação e a fantasia, criando deuses e demônios, num sem fim de narrativas orais que povoam, na mesma medida de importância que o homem, o universo do sertanejo: “o diabo na rua no meio do redemunho”. Subtítulo do livro e espécie de refrão que atravessa toda a narrativa, todo o *grande sertão*, condensando, na imagem do demo, toda a sorte de criaturas sobrenaturais que povoam os territórios de sertão. Sertão também da pobreza e da miséria de homens “quase que cada um era escuro de tanto comer só polpa de buriti [...]”²⁰⁷ e que

[...] viviam tapados de Deus, assim nos ocos [...] Mas por ali deviam ter suas casas e suas mulheres, seus meninos pequenos. Cafuas levantadas nas burguéias, em dobras de serra ou no chão das baixadas, beira de brejo; às vezes formando mesmo arruados. Aí plantavam suas rocinhas, às vezes não tinham gordura nem sal [...] Como era que podiam parecer homens de exata valentia? Eles mesmos faziam preparo de pólvora de que tinham uso, ralado salitre das lapas, manipulando em panelas. Que era uma pólvora preta, fedorenta, que estrondava com espalhafato, enchendo os lugares de fumaceira. E às vezes essa pólvora bruta fazia as armas rebentarem, queimando e matando o atirador. Como era que eles podiam brigar? Conforme podiam viver?²⁰⁸

²⁰⁴ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 250.

²⁰⁵ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 369.

²⁰⁶ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 370.

²⁰⁷ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 337.

²⁰⁸ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 338.

Sertão da aprazível “música” dos cavalos que andavam “ao assaz,”²⁰⁹ levantando poeira e exalando os cheiros do sertão:

De repente, de certa distância, enchia espaço aquela massa forte, antes de poder ver eu já pressentia. Um estado de cavalos. Os cavaleiros. Nenhum não tinha desapeado. E deviam ser perto duns cem. Respirei: a gente sorvia o bafejo – o cheiro de crinas e rabos sacudidos, o pêlo deles, de suor velho, semeado das poeiras do sertão.²¹⁰

Um sertão rico “em instância de pássaros”:²¹¹

O comum: essas garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburu; o pato-verde, o pato-preto, topetudo; marrequinhos dançantes martimpescador; mergulhão; e até uns urubus [...] Mas, melhor de todos – conforme o Reinaldo disse – o que é o passarim mais bonito e engraçadinho de rio–abaixo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-croa [...] sempre em casal indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás, traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquimquim – a galinholagem deles. – “É preciso olhar para esses com todo carinho...” – o Reinaldo disse.²¹²

Sertão de “viajores” e tropeiros, levando mantimentos, como sal, café, bacalhau, cachaça, mantas de carne de sol, farinha, toucinho e bom fumo de corda, no “geme-geme das cangalhas.”²¹³ Vaqueiros conduzindo boiada. Sertão do bom som da famosa viola de Queluz:²¹⁴ “queria ouvir uma bela viola de Queluz, e o sapateado de pés dançando.”²¹⁵ Sertão das casas de fazenda “[...] do batido do monjolo dia e noite, da cozinha grande com fonalha acesa, dos cômodos sombrios da casa, dos currais de

²⁰⁹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 217.

²¹⁰ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 99.

²¹¹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 122.

²¹² ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 122

²¹³ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 101.

²¹⁴ Atual Conselheiro Lafaiete (MG), famosa, desde o século XVIII, pela produção de violas (GOULART. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*).

²¹⁵ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 463.

adiante, da varanda de ver nuvens.”²¹⁶ Dos povoados dos negros “[...] que ainda sabem cantar gabos em sua língua da Costa.”²¹⁷ Das vendinhas onde se encontra licor de banana e de pequi. No batente da porta, quase sempre se pode ver uma velha trançando peneiras e pitando cachimbo²¹⁸ ou “picando ou dedilhando fumo no covo da mão, com muita demora.”²¹⁹ Sertão de *homens lentos*, “em tudo, eles gostam de alguma demora.”²²⁰ Isolado, ermo, “o sertão nunca dá notícia.”²²¹ Não importa de que espaço-tempo seja o sertão. “O sertão é uma espera enorme.”²²²

É por reunir tantas espacialidades, lugares, paisagens e significações distintas que se pode dizer que “o sertão é do tamanho do mundo.”²²³ Um lugar migrante, transescalar, descontínuo, que não se localiza em um único ponto, mas em toda parte, por isso “o sertão é sem lugar.”²²⁴

Sem lugar também por emergir em diversos lugares. Um lugar que apresenta singularidades – o sertão – mas que por reunir uma diversidade de paisagens, lugares, territórios e significações, condensa a imagem do mundo, repleta de contrastes, ambiguidades, paradoxos: “e nisto, que conto ao senhor, se vê o sertão do mundo.”²²⁵

Nas belas palavras de Antonio Candido:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não

²¹⁶ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 151.

²¹⁷ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 23.

²¹⁸ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 204.

²¹⁹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 141.

²²⁰ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 227.

²²¹ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 267.

²²² ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 509.

²²³ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 60.

²²⁴ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 310.

²²⁵ ROSA. *Grande sertão*: veredas, p. 300.

sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo.²²⁶

Se o sertão é o mundo, um *lugar-mundo*, sua localização pontual, cartográfica pouco importa. O que importa é a “matéria vertente”, ou seja, aquilo que constitui a sua essência de *lugar*, o exercício da condição humana: “e estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder.”²²⁷

Como o rio, o sertão se movimenta, escoar, escorre: “é, toda a vida, de longe a longe, rolando essas braças águas de outra parte, de outra parte, de fugidia, no sertão.”²²⁸ Como o sertão, “o rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo.”²²⁹ *Sertão*, deserto-rio, mar de territórios: lei e ausência de lei, ordem e desordem, liberdade e aprisionamento. As dificuldades de compreensão do *lugar-sertão*, *lugar-cosmo*, suas ambiguidades, ambivalências, contradições, paradoxos e aporias são do mesmo caráter das que se referem à condição humana: “sertão: é dentro da gente.”²³⁰ É o interior de cada um, o interior da humanidade. Não se pode localizar precisamente um *lugar*. Não se pode localizar precisamente o *sertão*, assim como não se pode elucidar a natureza dos subterrâneos da humanidade, da distância e da proximidade entre os homens, de suas relações, seus desejos e de suas ações: “o senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele? ... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu.”²³¹

²²⁶ CANDIDO. O homem dos avessos.

²²⁷ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 83.

²²⁸ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 376-377.

²²⁹ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 383.

²³⁰ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 270.

²³¹ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 527.

O *sertão* não se apreende por objetividades e exatidões. É lugar que não se pode mapear, definir. É o mundo do subjetivo, do inexato, do cambiante, daquilo que não se sabe ao certo. O infindável, o interminável, o perigoso, o desconhecido, não apenas no que diz respeito aos territórios físico-sociais, mas também nos mais recônditos territórios interiores dos homens: o inconsciente, o eterno devir, aquilo que está continuamente em elaboração, os territórios da vida, da existência: “viver – não é? – muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.”²³² Sertão é o ∞ .²³³ Infinito: “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.”²³⁴

Não se pode saber o que não tem fim, o que está, permanentemente, em elaboração. Não se sabe o infinito, o interminável do viver, da existência, não se sabe o infinito do sertão: “sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas...”²³⁵

Sertão é *fronteira*, limite e abertura, espaço do encontro e do confronto de alteridades diversas e seus territórios. Passagem, transição, transformação. Lugar da mestiçagem, da mistura, da transculturação: nem Deus, nem Diabo, ambos: “homem humano”²³⁶ em sua infinita e enigmática travessia, a da existência. “As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite.”²³⁷ Não se localiza o sertão, não se mapeia, não se apreende ao exato, preciso. Antes, se divulga. “Absolutas estrelas!”²³⁸ “No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade.”²³⁹

²³² ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 517-518.

²³³ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 538.

²³⁴ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 15.

²³⁵ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 508.

²³⁶ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 538.

²³⁷ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 372.

²³⁸ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 372.

²³⁹ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 531.

Grafias e rasuras do sertão

Canto à cidade

auê
 aqui onde foi mato alto senguê
 aqui onde foi mina e mato mendê
 hoje tudo é cidade onbarô ô sanguê
 auê ê ere rê

(Transcrição²⁴⁰ do Vissungo 23, canto afro-
 descendente de vida e morte, recolhido, em
mbundo, por Aires da Matta Machado Filho)

Enquanto alguns filólogos dizem ser obscura²⁴¹ a etimologia da palavra *sertão*, não arriscando qualquer hipótese para a sua origem, outros afirmam que o vocábulo teria nascido como corruptela de *desertão*,²⁴² embora considerando difícil a explicação do ensurdecimento do *s*. A maioria deles define *sertão* como *floresta* ou *mato longe da costa, interior, lugar de terra inculta, de terrenos não cultivados*.²⁴³ Para Gustavo Barroso, o colonizador português, em terras africanas, teria tomado a palavra do *mbundo*, uma das diversas línguas angolanas, transformando-a, “ao sabor de sua prosódia.”²⁴⁴ No Dicionário da Língua Bunda ou Angolense, de Frei Bernardo Maria de Cannecatim,²⁴⁵ de 1804, o jornalista e ficcionista brasileiro encontra o termo

[...] *muceltão*, de onde, naturalmente, *celtão* e *certão* é corruptela, diz frei Bernardo Maria de Cannecatim, do puro angolano *mbunda* ou

²⁴⁰ MELO. Canto à cidade.

²⁴¹ CUNHA. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, p. 718.

²⁴² NASCENTES. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, p. 725, citando Maximiliano Maciel e Afrânio Peixoto; MACHADO, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, p. 187, citando alguns autores.

²⁴³ SILVA. *Dicionário da Língua Portuguesa recopilado*, p. 693; CARVALHO. *Dicionário Prático da Língua Nacional*, p. 98; FONTINHA. *Novo Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, p. 1632; CUNHA. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, p. 718.

²⁴⁴ BARROSO. Vida e história da palavra sertão, p. 12.

²⁴⁵ *Diccionario da Língua Bunda ou Angolense*. Nessa obra, na página 235, encontra-se o vocábulo *certão* definido como *locus mediterraneus*. Disponível em: <<http://purl.pt/13927/1/>>. Acesso em: 17 maio 2011.

simplesmente bunda: *michitu* ou *muchitu*, através de *muchitum* por nasalção dialetal. Esse termo quer dizer propriamente *mato* e era empregado pela gente do interior da África Portuguesa. Tornou-se por isso designativo de *mato longe da costa*, como nas definições dos dicionários. [...] Temos, por conseguinte, em língua bunda – *michitu*, *muchitu* e *muchitum*; depois muceltão por influência lusa; afinal, *celtão* e *certão*, o interior das terras africanas coberto de mataria, e nunca o deserto grande, o *desertão*, de onde a forma aferética *sertão*. Essa origem falsa, à custa de ser apregoada, influenciou na grafia da palavra, que passou a ser escrita com *s*.²⁴⁶

A palavra *sertão* já nasce sob o signo da ambiguidade: o *mato*, para os povos que habitavam o que seria o continente africano a partir da expansão da Europa Ocidental ao *Novo Mundo*, apresenta significado certamente bem distinto daquele atribuído pelo colonizador europeu. Para os primeiros, é, antes de qualquer coisa, o interior do espaço em que viviam de acordo com as suas mais diversificadas culturas tribais, o lugar onde, inclusive, cultivavam à sua maneira a terra. Já ao olhar do colonizador europeu do século XVI, o mato representa, num primeiro momento, o *vazio de humanidade* e, portanto, de cultura, o espaço de terras a serem cultivadas e de seres a civilizar. Forjada na diferença cultural entre os mundos “africano” e europeu do século XVI, a palavra vai se constituindo, agregando significados, transmutada inclusive em sua grafia, a partir do ponto de vista do colonizador português e da violência com que ele fabrica, com seus pares, esse novo mundo.

O “mundo novo”, espaço desconhecido cuja diferença é traduzida pelo mundo europeu ocidental do século XVI como negação do mundo humano, constitui-se, desse modo, como o *outro*, *estranho*, *não-europeu* e, por isso, *antípoda*, *inferior*, *inculto*, *bárbaro* e *selvagem*. Como testemunham, por exemplo, as vastas historiografias e as literaturas denominadas coloniais, que ainda espalharam seus ecos até meados do

²⁴⁶ BARROSO. Vida e história da palavra sertão, p. 11-12.

século XX.²⁴⁷ A ideia de *sertão* nasce, portanto, como a de um *outro, estranho, estrangeiro, negado* e, conseqüentemente, excluído como parte de um pensamento europeu ocidental que, a partir do século XVI, inicia sua disseminação ao mundo e inaugura a modernidade. É assim que, além do mundo “africano”, o mundo oriental, a despeito das trocas comerciais que estabelecia com a Europa ocidental, e até mesmo os interiores da própria metrópole portuguesa²⁴⁸ foram denominados *sertões* pelo colonizador português. Numa evidência de que é a condição da diferença, traduzida como *estranha e estrangeira* a um modo de ver e viver o espaço, que determina desde o início a sua nomeação como *sertão* ou *sertões*, em qualquer escala. Dentro ou fora dos mesmos espaços responsáveis por essa nomeação. Daí os *Sertões d’África*,²⁴⁹ da *Beira*, do *Alentejo*²⁵⁰ e tantos outros mais. O conceito de *sertão* evoca necessariamente a reflexão para a questão da alteridade.

Trazida para as terras que constituiriam o Brasil, a palavra não teria aplicação diferente: *sertão* designava inicialmente todo o território desconhecido e recém encontrado, a *floresta* ou o *mato*, portanto, como se lê na vasta literatura colonial da qual faz parte, sobretudo, a chamada literatura de viagem.²⁵¹ Nascidas as primeiras povoações litorâneas do norte ao sul dessas terras, todo o território que se estendia para além do litoral conhecido, para além dessas povoações, era denominado *sertão* pelos habitantes litorâneos. Na medida em que a colonização avançava pelo interior do

²⁴⁷ Para citar apenas alguns exemplos, Alfredo de Sarmiento, *Sertões d’África* (1880), Pero de Magalhães Gândavo, *Tratado da Terra do Brasil* (1570), Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogo das grandezas do Brasil* (1618), Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil* (1854), Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil* (1627), Jean de Léry, *Viagem à Terra do Brasil* (1578), Visconde de Taunay, *História das bandeiras paulistas* (1951). O historiador Victor Leonardi, em *Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*, faz um estudo minucioso de vários desses autores.

²⁴⁸ BARROSO. Vida e história da palavra *sertão*.

²⁴⁹ SARMENTO. *Sertões d’África*.

²⁵⁰ BARROSO. Vida e história da palavra *sertão*.

²⁵¹ Toda a obra de Spix e Martius, Saint-Hilaire, Richard Burton, Wilhelm L. Von Eschewge, Johann B. Emanuel Pohl, dentre muitos outros.

continente, rasurava-se gradativamente a representação dos espaços ocupados como *sertões* e assim os *sertões* migravam para mais adiante.

Desse modo, o interior do continente, tal como todo território desconhecido para um determinado grupo social, foi preenchido por uma significação ambígua, de *atração e repulsa*: lugar do maravilhoso e do tenebroso, de riquezas, monstros, demônios e perigos diversos, oferecidos por uma natureza hostil e bruta. Assim como foi o mar antes de se lançarem os reinos europeus às grandes navegações. À essa época, o *sertão* começava, portanto, tão logo se saía dos limites das povoações de Salvador (cidade da Bahia), Rio de Janeiro, Paraty e São Vicente. Realizadas as primeiras incursões pelo interior dessas terras e fundadas as povoações que dariam origem à cidade de São Paulo e algumas cidades do Vale do Paraíba paulista, essa região deixa de ser representada no imaginário da época como *sertão* e as terras que constituiriam o estado de Minas Gerais²⁵² é que são assim nominadas. Na medida em que a colonização avançava pelo interior do continente, rasurava-se progressivamente a representação dos espaços conquistados como *sertões* e o *sertão* ou os *sertões* migravam para mais adiante. Ao perderem territórios numa guerra contra os emboabas (estrangeiros provenientes de diversas partes da Europa), bandeirantes paulistas empreendem novas incursões pelo interior do continente em busca de metais, dessa vez nas regiões que constituiriam os estados de Goiás e Mato Grosso, espaços, então, denominados *sertões*.

Esses são apenas alguns exemplos de espaços grafados e posteriormente rasurados, em alguns trechos, ao longo do tempo, como *sertões*. Até hoje algumas partes de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso permanecem compreendidas, tanto por

²⁵² Da povoação, fundada pelos jesuítas, que deu origem à cidade de São Paulo, partiram as primeiras bandeiras em busca do ouro e do apresamento de índios, rumo à “rica”, “perigosa” e “desconhecida” região das “minas”, considerada *sertão* à época.

parte de seus habitantes quanto por “olhares de fora”, como sertões. A historiadora Janaína Amado registrou vários sentidos para a palavra:

Em Santa Catarina, ainda hoje se emprega a expressão “sertão” para referir-se ao extremo oeste do estado. Em partes do Paraná, a mesma expressão identifica uma área do interior de outro estado, – São Paulo, próximo a Sorocaba (provavelmente, uma reminiscência dos antigos caminhos das tropas). No Amazonas, “sertão de dentro” refere-se à fronteira do estado com a Venezuela, enquanto, no interior do Rio Grande do Sul, “sertão de fora” também nomeia área de fronteira, porém situada... no Uruguai! “Sertão” é também uma referência institucionalizada sobre o espaço no Brasil: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), designa oficialmente uma das subáreas nordestinas, árida e pobre, situada a oeste das duas outras, a saber: “agreste” e “zona da mata”.²⁵³

No Brasil imperial, a tentativa de forjar uma identidade, demandada por uma emergente nação politicamente independente da metrópole, feita pelos escritores românticos, revela-se frustrada em vários aspectos. Na caracterização extremamente europeizada do indígena, idealizado como o *bom selvagem* de Rousseau, na invisibilização do africano²⁵⁴ e na idealização do “sertanejo” como ser representante dessa nação que surgia, em contraposição ao “tipo” humano do litoral.

O advento da República no fim do século XIX e seu ideal de “[...] ‘atualizar’ o Brasil com o ritmo das nações europeias ou com os Estados Unidos [...]”²⁵⁵ faz nascer várias políticas de ocupação do espaço territorial que culminam no início do processo de urbanização do País: criam-se as Comissões Geográficas e Geológicas com o objetivo de mapear e “reconhecer” os terrenos até então inexplorados. Com esse intuito, técnicos, engenheiros, militares, médicos e políticos empreendem diversas expedições pelos territórios denominados *sertões* à época. Herdeira das políticas coloniais, empreendidas

²⁵³ AMADO. Sertão, nação, região, p. 145.

²⁵⁴ Salvo na poesia da chamada terceira geração romântica a qual pertencem escritores como Castro Alves.

²⁵⁵ ARRUDA. *Cidades e sertões*, p. 19.

por uma oligarquia rural da qual se constituiu a chamada República Velha, essas políticas viam nesses espaços inexplorados por elas e em seus habitantes, indígenas,²⁵⁶ negros, sertanejos, um obstáculo ao avanço da modernidade, da “civilização”. Os discursos que legitimaram tais políticas apoiaram-se na ideia positivista de progresso da qual os territórios denominados *sertões* representavam a antítese.

A socióloga Lúcia Lippi Oliveira sintetiza as concepções de sertão na literatura brasileira romântica e realista:

Na perspectiva romântica, o sertanejo aparece como símbolo da nacionalidade pelo seu admirável modo de vida, caracterizado pela destreza e pela simplicidade. Natureza e organização social se fundem na base deste julgamento positivo, opondo-se à vida degradada e corrompida do litoral, ou seja, das cidades. Na perspectiva realista, a vida interior perde esta visão idealizada. O sertão passa a ser visto como um problema para a nação e se opõe à urbanidade do litoral. Sob a visão cientificista do final do século XIX, as explicações raciais sustentam uma suspeita sobre tipos miscigenados portadores da degeneração.²⁵⁷

Reforça-se, assim, a perspectiva dicotômica na forma de compreender e grafar os *sertões*, cujas bases se encontram no colonialismo europeu ocidental do século XVI e até hoje disseminam seus vestígios: *civilização/barbárie*, *litoral/sertão*, *cidade/sertão*, *moderno/primitivo*, *desenvolvido/subdesenvolvido*. Na medida em que a urbanização avançava, intensificava-se o processo de transformação das paisagens e as grafias dos espaços denominados *sertões* iam sendo *rasuradas* para dar lugar a *novas grafias*, novas representações, novas imagens: sob o signo do moderno, do civilizado, do desenvolvido, a cidade impõe-se gradativamente sobre a densa e selvagem floresta, sobre o desconhecido, sobre o *sertão*, e assim mais uma vez a sua representação, o seu

²⁵⁶ Criados para registrar a memória, compondo a história da ideia de nação que surgia, os Institutos Históricos e Geográficos, contraditoriamente, excluíram os indígenas e africanos da desejada nação forjada por eles (ARRUDA. *Cidades e sertões*).

²⁵⁷ OLIVEIRA. *Americanos*: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos, p. 71.

lugar migra para mais adiante, forjado sempre como um *outro, estranho, antípoda, atrasado e fora da lei*.

Os diferentes momentos dos processos de industrialização em nível mundial fazem nascer uma sociedade urbana que, para muito além desses processos, ganha cada vez mais complexidade, culminando na *urbanização completa da sociedade*, prenunciada por Henri Lefebvre: “o momento em que a problemática urbana prevalecerá decisivamente; em que a busca das soluções e das modalidades próprias à sociedade urbana passará ao primeiro plano.”²⁵⁸ A cidade moderna contemporânea se estende através de diversos canais, sendo visível não apenas na sua tessitura que atravessa espaços diversos, como, também, nos modos de vida que se misturam às tradições.²⁵⁹ Organiza-se em redes de lugares, territórios que atravessam física e virtualmente espaços nacionais, conectando-os e integrando-os a redes mundiais. Ao longo dessas redes transnacionais de cidades, de lugares, inscrevem-se, entretanto, "outras cidades", outros lugares, não diretamente conectados a essas redes, transcriados pelo cotidiano de sujeitos a quem continuamente é negado o direito à instituição *cidade*. Lugares onde o Estado não chega, associados ainda apenas à selvageria e ao atraso a despeito da diversidade de vida que apresentam. A *urbanização completa da sociedade*, tal como anuncia Lefebvre, é, desse modo, em contrapartida, mais uma das múltiplas possibilidades de extensão do *sertão*, visível, mutante, nos interiores do urbano, da cidade, da metrópole.

De *mata* exuberante a *deserto*, tanto no sentido de área desabitada quanto árida, de *cerrado* à *caatinga*, do *campo* à *cidade*, a palavra *sertão* nomeou e nomeia paisagens e lugares distintos, assumindo uma diversidade de imagens e significações. Não aponta para um lugar único quando se pensa no lugar apenas como um ponto físico do

²⁵⁸ LEFEBVRE. *A revolução urbana*, p. 19.

²⁵⁹ LEFEBVRE. *A revolução urbana*.

espaço. As significações dos *lugares*, as significações do *sertão* e da sua infinidade de *territórios*, densas de complexidade, declinam de representação pontual, cartográfica convencional. Pode-se pensar numa cartografia metafórica do *sertão*: linhas que se desenham e se redesenham, grafam-se e rasuram-se todo o tempo, compondo um esboço movente e mutante, capaz de se transferir e de se transportar para espaços e tempos os mais variados, aí incluindo os espaços-tempos interiores de cada um. O *lugar-cosmo sertão*, suas paisagens e seus territórios estão simultaneamente *fora e dentro* de *nós*, dizem respeito à complexidade de relações que se podem estabelecer entre diferentes alteridades, não importando o ponto do espaço e a escala e em que essas relações se deem.

Atopia, utopia

Lugar é o espaço físico-simbólico em que o homem realiza a sua vida, experimentando cotidianos de identificação, pertencimento, desejo *de ser e de estar* e, ainda, de *ser e de estar junto*, de compartilhar. Espaço da descoberta de possibilidades de vida e da criatividade a serviço da reinvenção do cotidiano, num movimento contínuo de auto-realização pessoal e de transformação social. Quando essas condições lhe são subtraídas fica caracterizada a *atopia*, produzida nos múltiplos movimentos do mundo responsáveis pela heterogeneidade do espaço. No confronto entre diferentes territórios, suas alteridades, um acaba por impor ao outro a sua invisibilização, muitas vezes traduzida em aniquilação absoluta. Caso de grande parte dos territórios indígenas e africanos apropriados pelo Brasil colonial e por outros territórios coloniais presentes em toda parte nos mais diversos espaços-tempos. Um traço comum, presente na origem e na permanência da produção de *territórios de sertões* nos mais diversos espaços-tempos é a sua fundamentação no princípio da *apropriação/violência*.²⁶⁰ Par dialético que tomo por empréstimo do sociólogo Boaventura de Sousa Santos²⁶¹ para me referir às relações de poder extremamente desiguais, em diversos domínios (cultural, econômico, jurídico, epistemológico etc) e que se estabelecem entre sujeitos e grupos sociais, em que um impõe ao outro a condição de *atopia*, de negação do seu *lugar*. Violência que se manifesta na destituição dos seus territórios de cultura e de vida. A partir da expansão dos territórios da modernidade ocidental do século XVI, numa escala e graus maiores, a *atopia* se manifesta na apropriação dos territórios tribais africanos, indígenas, asiáticos, latino-americanos e no modo de produção escravista que estruturou e ainda estrutura sob novas formas essa apropriação na fase contemporânea radicalizada do

²⁶⁰ Princípio que se manifesta, de modo geral, na incorporação, cooptação, assimilação, destruição física, material, cultural e humana.

²⁶¹ SANTOS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes.

capitalismo. As formas de *apropriação/violência* são infinitas na contemporaneidade. Manifestam-se não apenas na manutenção de territórios coloniais, no sentido estrito, em pleno início do século XXI²⁶², mas também nos precários processos de descolonização em todo o mundo, e em novas formas de colonização, imperialismos e totalitarismos. Numa escala menor a *apropriação/violência* se manifestou, por exemplo, na proibição da capoeira, do batuque, da ginga e de outras manifestações culturais africanas e afro-descendentes pelos territórios imperiais de colonização do século XVI ao século XIX no Brasil. Na contemporaneidade, se manifesta na repressão policial aos terreiros de candomblé, nas inúmeras formas de imposição da migração, na expulsão de milhares de sujeitos tanto do campo quanto das cidades sempre "para mais além", na submissão de determinados sujeitos e grupos sociais ao trabalho escravo e em toda e qualquer forma de destituição das suas condições de construção de um *lugar*.

Do escravismo do mundo antigo ao do capitalismo contemporâneo, cuja superfície de territórios atravessa o *corpo do mundo*, do ocidente ao oriente, se produziu atopia. Evidência de que os sertões, da forma como se concebe neste estudo o conceito, estiveram presentes em todos os modos de produção. Este estudo ocupa-se, entretanto, da reflexão sobre as imagens de sertão disseminadas a partir do pensamento moderno ocidental, *pensamento abissal* (não o único), nos termos de Boaventura de Sousa Santos, que:

Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha.' A divisão é tal que o 'outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque

²⁶² Caso, por exemplo, do Saara Ocidental, dominado pelo Marrocos.

permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialéctica.²⁶³

A atopia não se manifesta, contudo, como *não-lugar*.²⁶⁴ Ao contrário, constitui-se como *lugar* cujos territórios foram, entretanto, invisibilizados, rasurados, omitidos por outros territórios que se impõem como hegemônicos. Um lugar negado, subtraído, mas que permanece como *lugar*, na medida em que os sujeitos e grupos sociais que o constituem buscam permanentemente a reinvenção, a transcrição dos seus territórios de vida. Nesse sentido, *sertão* é o complexo lugar da busca de condições de sobrevivência, da esperança de vida digna, o *lugar* de todos aqueles que, de algum modo, tiveram subtraídas ou reduzidas as condições de construção do seu *lugar*, dos seus territórios. Esse é um traço comum, presente na constituição dos sertões da modernidade ocidental do século XVI à contemporaneidade, por toda parte do mundo, nas mais diversas escalas: do norte ao sul do Brasil, no campo ou nos interiores das grandes cidades, na Palestina ou no Recife, em Kandahar ou Darfur, Nova York ou Jerusalém, emergem a todo tempo novos *lugares-territórios-sertão*. Há, entretanto, variações diversas no grau de atopia imposto. Como pensar na reinvenção da vida nos territórios indígenas e africanos em grande parte completamente rasurados pelo sistema colonial no sentido estrito? As guerras e a escravidão, em suas diferentes formas, são a expressão da impossibilidade da vida. Prisioneiros de guerra e sujeitos que vivem em campos de refugiados encontram-se numa situação extrema em que a vida é negada até mesmo em sua possibilidade de reinvenção. Nesses casos, e em tantos outros, a *atopia*

²⁶³ SANTOS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, p. 31-32.

²⁶⁴ Expressão cunhada por Marc Augé para designar, na *supermodernidade*, os espaços de passagem, como, por exemplo, aeroportos, estações de metrô, salas de espera, supermercados e vias expressas.

só pode se constituir em *lugar* através da reinvenção da vida que se faria *de fora*, através do movimento de outros sujeitos, de outros grupos sociais na construção de territórios fundados em um *outro* pensamento, um *pensamento pós-abissal*, nos termos de Boaventura de Sousa Santos.²⁶⁵

Onde houve e há atopia, há também resistência. Nos territórios imperiais, os quilombos, instituições africanas de origem angolana, constituíram organizados territórios (políticos, culturais, econômicos) de resistência à atopia imposta pelo modo de produção escravista. Muitos outros territórios de resistência africana se manifestaram em outras escalas nos territórios escravistas:

Numerosas foram as formas de resistência que o negro manteve ou incorporou na árdua luta pela manutenção de sua identidade pessoal e histórica. No Brasil, poderemos citar um destes movimentos que no âmbito “doméstico” ou social tornam-se mais fascinantes quanto mais se apresenta a variedade de manifestações: de caráter linguístico, religioso, artístico, social, político e de hábitos, gestos etc.²⁶⁶

Numerosas foram também as formas de resistência indígena em territórios coloniais: guerras, fugas, recusa ao trabalho escravo. No início da República, a história de Canudos revela um dos mais organizados movimentos de resistência por parte de grupos sociais menos favorecidos à imposição de atopia em territórios brasileiros. Um movimento que reuniu em torno de 25 mil pessoas numa comunidade produtiva, capaz de erguer, em mutirão, casas, escolas, açudes, igrejas. Sujeitos expulsos de suas terras pelos altos impostos cobrados pela República, em nome da modernidade, da igualdade, da liberdade e da fraternidade. Falsamente acusados de resistência monarquista. Capazes de vencer três batalhas contra o exército republicano brasileiro, sucumbindo, sem rendição, apenas quando o número de soldados da última batalha foi multiplicado à proporção dos massacres.

²⁶⁵ SANTOS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.

²⁶⁶ NASCIMENTO. O conceito de quilombo e a resistência cultural afro-brasileira, p. 142.

Na contemporaneidade, a permanente tensão gestada nas relações entre grandes investimentos corporativos e pequenos agricultores, comunidades indígenas e quilombolas evidencia a herança legada pelos sertões dos territórios coloniais aos sertões do nosso tempo. Territórios de resistência às antigas e novas formas de *apropriação/violência* são produzidos por essas comunidades através do seu cotidiano,²⁶⁷ da sua crescente organização política, da sua participação cada vez maior em movimentos sociais de âmbito local e também de âmbito global, como o Fórum Social Mundial.

Para Milton Santos,²⁶⁸ a idéia da irreversibilidade do processo de internacionalização do capitalismo encontra seu fundamento e suas contradições na própria força com que ele se instala no mundo. Isso faz com que se acredite que não há alternativas para a transformação social. Entretanto, o geógrafo acredita que o mundo também se faz de possibilidades ainda não realizadas, mas empiricamente factíveis, e que as condições materiais empíricas da transformação já estão presentes como promessa de realização. Fazem parte dessas condições os espaços de solidariedade e descoberta de possibilidades de luta, criados a partir do cotidiano do lugar, o processo de democratização das técnicas de informação, que permite a utilização contra-hegemônica da técnica por grupos sociais menos favorecidos, e os limites ao consumo das “classes médias.” A indignação e as aspirações desses grupos sociais se somariam a partir da permanente tensão de valores de produção da vida entre lugares hiperglobalizados economicamente e aqueles menos “globalizados”, constituindo, assim, territórios férteis de novas sinergias e, portanto, *territórios de utopias* nos processos de transformação social.

²⁶⁷ O cotidiano dessas comunidades permite a prática de uma economia também à base de trocas.

²⁶⁸ SANTOS. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*.

Emergiria, desse processo, a possibilidade da política cidadã, construída *de baixo* para cima, a política como um conjunto de forças capazes de transformar gradativamente a sociedade como um todo. Daí emergiria uma nova ética, um novo espaço em que não mais o território do capital, do dinheiro, da competição, mas o homem, como um dado filosófico, ocuparia o centro dos movimentos do mundo.

As condições de transformação do mundo, para Milton Santos, estão, portanto, referenciadas nas *utopias*. Essas compreendidas, entretanto, não em seu sentido convencional, como projeções irrealizáveis, mas, ao contrário, como *possibilidades factíveis* cuja existência se dá a partir de *embriões de possibilidades*. No contemporâneo cenário mundial de radicalização da modernidade, no que diz respeito aos processos socioeconômicos e suas consequências nos modos de vida, se produzem também as contradições, os limites a essa ordem e suas possibilidades de superação. Numa linha de pensamento bem próxima à de Milton Santos, Boaventura de Sousa Santos propõe a *reinvenção da emancipação social*²⁶⁹ através do que ele denomina *sociologia das ausências* e *sociologia das emergências*. O par dialético visa transformar a leitura hegemônica do mundo produzido como ausente, invisível, em mundo visível, emergente, presente. Transformar o *desperdício da experiência social* em construção de *conhecimento*, trazendo ao diálogo desse processo os saberes e as práticas produzidos como inexistentes. A *sociologia das ausências* e a *sociologia das emergências*, cuja linguagem seria viabilizada pela *tradução*, operariam, assim, substituindo *monoculturas* por *ecologias*. Seriam capazes de dilatar o presente contraído, veloz e fugidio, fabricado pelo mundo do consumo e da mercadoria e, conseqüentemente, ampliar as possibilidades das experiências sociais do futuro.

As *cartografias omissas* representam, desse modo, um espaço múltiplo e paradoxal, continuamente em transformação, capaz de produzir ou não territórios de

²⁶⁹ SANTOS. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*.

resistência e de cidadania que se apresentam em outros tempos, outras técnicas, outros ritmos, outras economias, diferentes do tempo, da técnica e da racionalidade do pensamento único imposto pelos ritmos “globais”.

SERTÕES DO MUNDO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender. Talvez, por isso mesmo, possamos repetir com Edgar Morin que “hoje cada um de nós é como o ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém o todo planetário que o contém.”

Milton Santos

Dinâmico e indivisível, uno, fragmentado e múltiplo, o espaço é transformação. Nele cabem diversos outros espaços, tempos, ritmos, organizações. O que são a distância e a proximidade diante da multiplicidade e da mobilidade dos “centros”? O mundo dos lugares revela a diversidade de mundos presentes no *corpo do mundo*. Cada lugar é, à sua maneira, um mundo que carregamos em nós, e também o *mundo* do espaço-tempo de uma cultura. A produção de *atopia* é a representação, a “exteriorização” do mundo estrangeiro, invisibilizado em nós, espaço deserto e desertado, não reconhecido, negado, e tomado, por isso, como *outro*. Ao refletir sobre a condição do estrangeiro, das sociedades mais antigas às mais contemporâneas, Julia Kristeva chega à conclusão de que o *estrangeiro* é parte da condição humana, é o *outro* que também nos habita:

Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo por si mesmo. Sintoma que torna o “nós” precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência da minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades.”²⁷⁰

²⁷⁰ KRISTEVA. Estrangeiros para nós mesmos, p. 9.

As tensões, os conflitos que se estabelecem nos diversos espaços de fronteira entre diferentes alteridades, não dizem respeito apenas aos espaços físicos e culturais. Apontam também, necessariamente, para a questão da *alteridade em nós*:

Viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de *ser um outro, estar em seu lugar*, o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo. O “Eu é um outro de Rimbaud” não era somente a confissão do fantasma psicótico que assedia a poesia. A expressão anunciava o exílio, a possibilidade ou a necessidade de ser estrangeiro e de viver no estrangeiro prefigurando assim a arte de viver numa era moderna, o cosmopolitismo dos esfolados.²⁷¹

O *sertão*, lugar-mundo presente em toda parte, é a representação da condição estrangeira que carregamos em nós. A exteriorização de uma diferença não reconhecida. Nesse espaço, simultaneamente interno e externo, material e imaterial, já não cabem mais as escalas, os lugares, as medidas e os marcos temporais estabelecidos pelos homens. O mundo dos sertões, com seus territórios de *atopia* e *utopia*, ultrapassa a racionalidade moderna que produziu seu nome e quaisquer outras racionalidades, para se instalar no inapreensível espaço do inconsciente e da condição humana.

A imagem da guerra, uma das diversas imagens que compõem o *lugar-cosmo sertão*, presente em todos os espaços-tempos, nas mais variadas formas e escalas, dissemina-se para além dos territórios físico-sociais de *atopia*. O terror, linguagem de guerra que emerge também dos interiores dos lugares aparentemente imunes às atopias “externas,”²⁷² é uma evidência de que as *cartografias omissas* estão em nós:

[...] pode-se perguntar – quando o número excessivo de trabalhadores imigrados oprime os subúrbios franceses, quando o cheiro do churrasco de carneiro enjoa as narinas habituadas a outros deleites e a quantidade de jovens delinquentes negros leva algumas pessoas a

²⁷¹ KRISTEVA. *Estrangeiros para nós mesmos*, 84.

²⁷² Como, por exemplo, os países da Europa do Norte, onde não se veem, na contemporaneidade, relações sociais fundadas no paradigma da *apropriação/violência*.

identificar a criminalidade com a condição de estrangeiro, para que serve vasculhar os arquivos do pensamento e da arte tentando encontrar respostas para um problema, no final das contas, muito prático, até mesmo trivial?²⁷³

Kristeva nos mostra que ao longo da história o *estranho em nós* é deslocado para a figura do estrangeiro, o *outro*, o exterior, desumanizado: aquilo que desejamos eliminar e que se representa e se apresenta, desse modo, na figura do estrangeiro a ser socialmente eliminado:

O mundo da barbárie culmina [...] num mundo único, formado por Estados em que somente a humanidade organizada em residências nacionais tem de ter direitos. A perda da residência, uma perda de trama social, agravada pela “impossibilidade de encontrar uma, caracterizam essa nova barbárie vinda do interior mesmo do sistema dos Estados-nações. O mundo moderno – trata-se do nazismo e de suas seqüelas, compreende pessoas que não são mais reconhecidas cidadãs de um Estado soberano, e, portanto, não pertencem a qualquer comunidade.... estar privado dos direitos do homem é, primeiramente e antes de tudo, estar privado de um lugar no mundo que torne as opiniões significantes e as ações eficazes.”²⁷⁴

A busca do direito a um *lugar* no mundo, uma outra imagem que compõe os territórios de sertões, nasce essencialmente desses territórios em que esse direito foi negado. Territórios dos *homens lentos* ou *territórios do Sul* ou, ainda, territórios de sertões: *atopia* e *utopia* são aí faces de um mesmo fértil espaço de alternativas, experiências, saberes e práticas a serem conhecidos e reconhecidos. Para Milton Santos,

[...] não vemos [as alternativas] em função do nosso aparelho epistemológico. Todos somos de tal maneira subordinados à *episteme* norte-ocidental, que temos enorme dificuldade para pensar diferente. Esse é um problema para as ciências sociais latino-americanas e brasileiras. São por demais escravizadas pelo paradigma do Norte e pela política que daí decorre. Nunca pensamos o mundo a partir da América Latina. Quem entre nós, intelectuais, pensou o mundo? A

²⁷³ KRISTEVA. *Estrangeiros para nós mesmos*, p. 109.

²⁷⁴ KRISTEVA. *Estrangeiros para nós mesmos*, p. 160.

gente pensa Europa, Estados Unidos e exclui a África e a Ásia. A própria construção territorial da realidade nos escapa com muita frequência na nossa elaboração intelectual. Essa é a realidade que cobra de nós uma outra epistemologia.²⁷⁵

Uma outra epistemologia, uma *Epistemologia da Existência*²⁷⁶ seria exercitada a partir da reflexão sobre os lugares e a vida dos homens que neles se desenvolve. Exige de nós a busca permanente da consciência do *outro em nós*, o seu reconhecimento, a sua acolhida para um diálogo infinito que permita a transformação de ambos, condição fundamental para a convivência. Para uma ciência conservadora, talvez o sertão não esteja em toda parte. O estudo dos sertões do mundo a partir dos lugares nos revela, entretanto, que o singular se universaliza na condição humana, que a barbárie é humana, e que a utopia é uma outra face da barbárie.

²⁷⁵ SANTOS. Entrevista, p. 37.

²⁷⁶ SANTOS. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência.

Referências

Filmes

DEUS e o diabo na terra do sol [filme]. Direção: Glauber Rocha. Produção: Luis Augusto Mendes. Intérpretes: Geraldo Del Rey, Yoná Magalhães, Mauricio do Valle, Othon Bastos e outros. Roteiro: Glauber Rocha, Walter Lima Jr. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964. (115 min), son., p&b.

JANELA da alma. Direção: João Jardim. Barueri: Europa Filmes, 2002. 1 DVD (73 min.).

Impressos

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

ANDRADE, Mário de. *Paulicéia desvairada*. Edição fac-símile. São Paulo: Edusp, 2002.

ANDRADE, Oswald. *Pau-Brasil*. 4. Ed. São Paulo: Globo, 1991.

ANDRADE, Paulo de. Arrepio; Malungo. In: MELO, Adriana; ANDRADE, Paulo de. Traduções, transcrições, transculturações. (?) *Vissungos: cantos afro-descendentes*. Suplemento Literário. Secretaria do Estado de Minas Gerais. Out.2008.p. 15-19.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru: EDUSC, 2000.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignorâncias*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARROS, Manoel de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

- BARROSO, Gustavo. Vida e história da palavra sertão. In: BARROSO, Gustavo. *À margem da história do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. p. 9-13.
- BOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogo das grandezas do Brasil*. Recife: Imprensa Universitária, 1996. (1. Ed.1618).
- CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CALVINO, Italo. *Todas as cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo. *Os sertões dos campos: duas vezes Euclides*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1997.
- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese: ensaios*. 3.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. p. 121- 139.
- CANNECATTIM, Frei Bernardo Maria de. *Diccionario da Língua Bunda ou Angolense explicada na Portugueza e Latina*. Lisboa: Imprensa Régia, 1804. Acessado em <http://books.google.com.br/books>. Último acesso em 15/11/2009.
- CAPARELLI, Sérgio; SCHMALTZ, Márcia (Org.). O uso das metáforas. *50 fábulas da China fabulosa*. 3.ed. Porto Alegre: L&PM, 2009. p. 133.
- CAPEL, Horacio. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía*. 3. ed. Barcelona: Barcanova, 1988.
- CARVALHO, José Mesquita de. *Dicionário Prático da Língua Nacional*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Edição da Livraria do globo, 1945.
- CICERO, Antonio. *Guardar: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CORTESÃO, Jaime. *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. (Estudo paleográfico e transcrição). São Paulo: Martin Claret, 2005.
- COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Ediouro, 2003.
- CUNHA, Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DAIBERT, Arlindo. *Imagens do Grande Sertão*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Juiz de Fora: Editora UFJF, 1998.
- DARWISH, Mahmoud. Carteira de identidade. In: ACHIAMÉ, Robson. *Poesia palestina de combate*. 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, [s.a.]. p. 37-39.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.
- FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2003.
- FONSECA, Rubem. A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro. In: FONSECA, Rubem. *Romance negro e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FONTINHA, Rodrigo. *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1981.
- FREITAS, Jotacê. *Vão matar o velho Chico para regar o sertão* (cordel). Salvador, 2007.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *História da província de Santa Cruz – Tratado da Terra do Brasil*. São Paulo: Obelisco, 1964.
- GARCIA, Álvaro Andrade. *O sertão e a cidade: o sertão de Guimarães Rosa 50 anos depois*. Nova Lima: Ciclope; São Paulo: Editora Peirópolis, 2007.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

GOULART, José Alípio. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HARVEY, David. Espaços urbanos na aldeia global: reflexões sobre a condição urbana no capitalismo do final do século XX. Transcrição e tradução de palestra. Belo Horizonte, 1º semestre de 1995.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Ambiente e vida na cidade. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). *As cidades das cidades*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Categorias geográficas: reflexões sobre a sua natureza. *Cadernos de Geografia*, Belo Horizonte, v. 10, p. 28-33, 2001.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Fronteiras da transdisciplinaridade moderna. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 15-31.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Território de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Alberto Sanchez (Orgs.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo transdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 36-84.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Transdisciplinaridade: reinventos [a reinvenção da ciência]. Coimbra: Centro de Estudos Sociais / Universidade de Coimbra, 2006. (texto inédito, base para palestra ministrada no CES/UC, em 8 de junho de 2006).

HISSA, Cássio Eduardo Viana; MELO, Adriana Ferreira de. O lugar e a cidade: conceitos do mundo contemporâneo. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 293-307.

IBGE. *Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: SERGRAF, IBGE, 1966. 5 v.

IBGE. *Tipos e aspectos do Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1965.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

KEHL, Maria Rita. Civilização partida. In: NOVAES, Adauto. Civilização e barbárie. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 101-124.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1980. p. 37-47.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Maspero, 1974.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões Brasil*. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996.

LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. (1ª edição de 1578).

MARTINEZ CORRÊA, José Celso. *Os Sertões: A Luta: primeira parte – 1a, 2a e 3a expedições + Rua do Ouvidor* (programa da peça). São Paulo: Teatro Oficina, 2006.

MARTINEZ CORRÊA, José Celso. *Os Sertões: A Luta: segunda parte – O desmassacre* (programada peça). São Paulo: Teatro Oficina, 2006.

MARTINEZ CORRÊA, José Celso. *Os Sertões: A Terra* (programa da peça). São Paulo: Teatro oficina, 2006.

MARTINEZ CORRÊA, José Celso. *Os Sertões: O Homem I: do pré-homem à revolta* (programa da peça). São Paulo: Teatro Oficina, 2006.

MARTINEZ CORRÊA, José Celso. *Os Sertões: O Homem II: da revolta ao trans-homem* (programa da peça). São Paulo: Teatro Oficina, 2006.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antonio A. *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

MATOS, Olgária Chain Féres. Aufklärung na metrópole: Paris e via Láctea. In: BENJAMIM, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 1123-1140.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta*. 25.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MELO, Adriana. Canto à cidade. In: MELO, Adriana; ANDRADE, Paulo de. Traduções, transcrições, transculturações. (?) *Vissungos: cantos afro-descendentes*. Suplemento Literário. Secretaria do Estado de Minas Gerais. Out. 2008. p. 15-19.

MELO, Dirce Ribeiro de. Evolução das veredas sob impactos ambientais nos geossistemas planaltos de buritizeiro/MG. Belo Horizonte: Instituto de Geociências/Programa de Pós-Graduação em Geografia/Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (Tese de doutorado).

MELO, Vera Mayrinck. Paisagem e simbolismo. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 29-48.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUSSET, Alain. De Lênin a Lacoste: os arquétipos espaciais do subdesenvolvimento. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Alberto Sanchez (Org). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo transdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 86-113.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Sankofa: Resgate da cultura afro-brasileira*. V.1. Rio de Janeiro: SEAFRO, 1994.

NOVAES, Adauto (Org). *A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutações*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.

NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações: a experiência do pensamento*. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

NOVAES, Adauto (Org.). *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NOVAES, Adauto. (Org.). *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. O que Poincaré sussurrou a Valéry. In: NOVAES, Adauto (Org). *Mutações: a experiência do pensamento*. São Paulo: Edições SESC SP, 2010. p. 389-407.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. São Paulo: livro Ibero-Americano Ltda., 1967.

PAZ, Octavio. *Tradução: literatura e literalidade*. Trad. Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Cadernos Viva Voz).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha: ensaios*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus: seleção poética*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; RIBEIRO, Guilherme. Partilhando versões sobre ciência e política. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). *Conversações: de artes e ciências*. p. 197-215.

QUEIROZ, Sônia. O dia de quebrar o coco. In: QUEIROZ, Sônia. *Madrinha: contos*. Belo Horizonte: Editora Dez Escritos, 1987.

RAHIMI, Atiq. *Terra e cinzas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Maria Teresa Franco. Introdução. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Alberto Sanchez (Org.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo transdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 21-35.

RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Alberto Sanchez (Org.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo transdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas anãs do sertão: o cerrado na cultura de Minas Gerais*. v. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. História ecológica do sertão mineiro e a formação do patrimônio cultural sertanejo. In: LUZ, Cláudia; DYRELL, Carlos (Org.). *Cerrado e desenvolvimento: tradição e atualidade*. Montes Claros: Centro de Agricultura Alternativa, 2000.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Lugar desertado: o cerrado na cultura de Minas Gerais*. v. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê: o Brasil dos meninos, dos poetas, dos heróis*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

ROLIM, Cândido. *Arauto*. Sabará: Edições Dubolso, 1988.

ROLIM, Cândido. *Exemplos alados*. Fortaleza: Letra & Música, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01861600#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos caminhos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-102.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências “revisitado”*. São Paulo: Cortez, 2004 b. p. 777-821.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Prefácio. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 13-20.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. Entrevista. *Teoria e Debate*, n. 40, fev./mar. 1999. p. 32-39. Entrevista concedida a José Corrêa Leite.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton et al. (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/AMPUR, 1994. p. 15-20.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, n. 21, p. 7-14. Ago. 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. 2. ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Milton; HARAZIM, Dorrit. O mundo não existe. In: HISSA, Cássio E. Viana (Org.). *Conversações: de artes e ciências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 169-176.

SARMENTO, Alfredo de. *Os Sertões d'África: apontamentos de viagem*. Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1880.

- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza*. (Recopilado). Tomo segundo. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.
- SILVA, Jônatas Conceição da. *Miragem de engenho*. Salvador: Irdeb, 1984.
- SILVEIRA, Valdomiro. *Leréias: histórias contadas por eles mesmos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.
- SOYINKA, Wole. A ilha de Polifemo. In: BANKS, Russel et al. *Viagem à Palestina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Lembranças do Brasil: teoria política, história e ficção em Grande sertão: veredas*. 1997. 222 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- TAUNAY, Visconde de. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951.
- TAVARES, Gonçalo; HISSA, Cássio Eduardo Viana. De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). *Conversações: de artes e ciências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 125-150.
- TRINDADE, Solano. *Cantares ao meu povo*. São Paulo: Fulgor, 1961.
- UTÉZA, Francis. *Metafísica do grande sertão*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1994.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brazil*. Tomo segundo. Rio de Janeiro: Caza de E. e H. Laemert, 1854.
- VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte: Comunicação; Brasília: INL, 1974.

Sites

- Biblioteca Nacional Digital de Portugal. Disponível em: <<http://purl.pt/13927/1/>>. Acesso em: 17 maio 2011.
- Favela tem Memória. Disponível em: <www.favelatemmemoria.com.br>. Acesso em: 17 maio 2011.

Sertão de Minas. Disponível em: <www.serto.es.art.br>. Acesso em: 13 fev. 2011.